



A poética das crianças de 0 a 3 anos e a Arte Contemporânea



O Instituto Avisa Lá – Formação Continuada de Educadores

É uma organização da Sociedade Civil (OSCs), sem fins lucrativos, com finalidade pública, que atua desde 1986. Tem como objetivos contribuir para a qualificação e o desenvolvimento de competências dos profissionais que atuam em instituições educacionais e atendem crianças de baixa renda; oferecer suporte técnico para ONGs, agências governamentais, escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental; atuar como centro de produção de conhecimento em Educação por meio de seu site na internet, com produção de vídeos de formação e publicações; e contribuir para a formulação e implementação de políticas públicas que resultem em educação de maior qualidade.

O Impaes — Instituto Minidi Pedroso de Arte e Educação Social

O Instituto propõe beneficiar iniciativas que tenham como meta a capacitação de educadores na área da arte, visando ao efeito multiplicador em todas as suas ações, sempre voltadas à formação de crianças, jovens e adultos, em territórios de alta vulnerabilidade social.

O Cenpec – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

Trinta anos em defesa da educação. É uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, criada em 1987.

Tem como objetivos o desenvolvimento de projetos, pesquisas e metodologias voltadas à melhoria da qualidade da educação pública e a sua incidência no debate público.

O Cenpec atua em parceria com a escola pública, espaços educativos de caráter público e iniciativas destinadas ao enfrentamento das desigualdades.



Criança interagindo com obra
exposta no **III Encontro de Arte
Contemporânea e a criança pequena**,
no Sesc Santo Amaro, em 2014

Notas sobre a autoria

Os textos desta publicação decorrem do trabalho de documentação realizado em conjunto com catorze¹ unidades de Educação Infantil. Foram elaborados pelos professores, coordenadores e gestores que participaram do projeto, desde seus primórdios, em 2013, até a consolidação da parceria com IMPAES e CENPEC, entre 2014 e 2015. Os referenciais das ações formativas estão embasados na metodologia desenvolvida pelo Instituto Avisa Lá, em uma construção coletiva com as consultoras.²

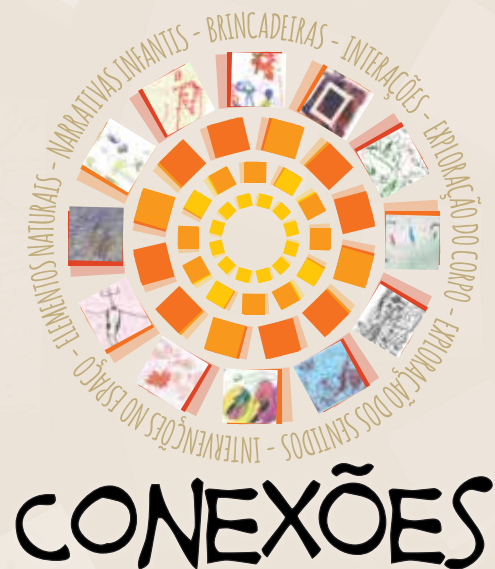
Este material é dedicado a todos que, intensamente comprometidos com o trabalho, produziram reflexões, práticas e registros preciosos, os quais podem instigar novas propostas formativas.

Sistematização do material e organização dos textos

Cinthia Manzano, Denise Nalini
e Mariana Americano

¹CEI Parque Dorotéia, CEI Shangri – Lá, CEI N. Sra. Aparecida, CEI Irmã Agostina, CEI Guadalupe, CEI Clipper, CEI Nicarágua, CEI N. Sra. das Graças (CCJA), CEI Bom Conselho, CEI Paulino Eva, CEI N. Sra. das Graças (CSP), CEI Sagrada Família, CEI São Norberto e CEI Santa Terezinha.

²Denise Nalini, Cinthia Manzano, Mariana Americano, Cisele Ortiz e Beatriz Bianco.



SUMÁRIO

1

Início da história:
dos primeiros ensaios
à rede de conexões

2

Os caminhos da formação
2.1 Ampliação cultural

3

A Arte Contemporânea
como uma possibilidade
de reconhecer as muitas
expressões das crianças

4

Encontros e conexões:
sequências didáticas e
práticas de referências

Referências bibliográficas



1

**INÍCIO DA HISTÓRIA:
DOS PRIMEIROS
ENSAIOS À REDE
DE CONEXÕES**

1 INÍCIO DA HISTÓRIA: DOS PRIMEIROS ENSAIOS À REDE DE CONEXÕES



Encontro com grupos de professores, coordenadores, gestores e consultores envolvidos no Projeto Conexões, no **IV Encontro de Arte Contemporânea e a criança pequena**, realizado no Sesc Santo Amaro em 2015

Em 2013, dois projetos de formação de educadores aconteciam simultaneamente em Centros de Educação Infantil (CEIs) conveniados, na Zona Sul da cidade de São Paulo: *Projeto Aprendizagens Significativas* e *As artes visuais e o brincar na educação da criança de 0 a 3 anos*, ambos coordenados pelo Instituto Avisa Lá. O interesse em aprofundar as relações entre Arte Contemporânea e crianças de 0 a 3 anos foi comum nos dois projetos. Com isso, iniciamos um grupo de estudos para aprofundar a discussão sobre Arte Contemporânea e Educação das crianças pequenas. Esse espaço criou a oportunidade de unir a produção do *Projeto Aprendizagens Significativas* ao projeto *As artes visuais e o brincar na educação da criança de 0 a 3 anos*, gerando uma exposição que procurou revelar os processos de aproximação da infân-

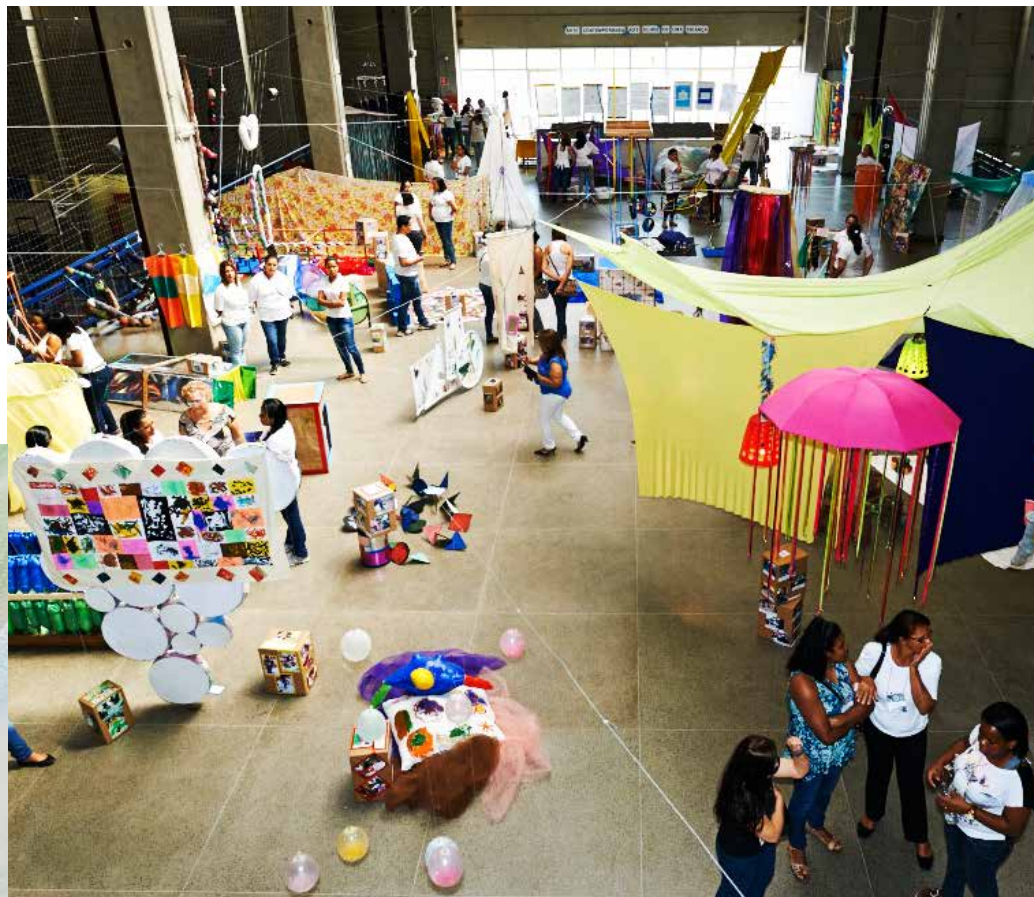
1 INÍCIO DA HISTÓRIA: DOS PRIMEIROS ENSAIOS À REDE DE CONEXÕES

cia com os modos de fazer próprios da Arte Contemporânea.

Essa exposição realizada no CEU Parelheiros, no final do ano de 2013, foi um marco que intensificou o desejo de continuidade dessa parceria e fortaleceu uma rede entre essas instituições, interessadas em qualificar a educação de crianças pequenas, articulando educa-



Obras interativas propostas na Exposição no CEU Parelheiros em 2013, que reuniu pela primeira vez o conjunto de unidades que formaria o grupo do Projeto Conexões



Instalações elaboradas pelos participantes da formação inspiradas em artistas contemporâneos na exposição no CEU Parelheiros em 2013

1 INÍCIO DA HISTÓRIA: DOS PRIMEIROS ENSAIOS À REDE DE CONEXÕES

ção e cultura. Foi esse encontro, portanto, que deu origem ao Projeto Conexões.

Em 2013, por meio do Edital lançado pelo Instituto Minidi Pedroso de Arte e Educação Social (IMPAES), o projeto foi selecionado para participar do Programa Desafios IMPAES, contando, por sua vez, com a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC). Essa parceria viabilizou e oportunizou uma proposta metodológica de formação continuada que potencializou o trabalho dos CEIs conveniados com a Prefeitura para o atendimento das crianças de 0 a 3 anos na Região Extremo Sul da cidade de São Paulo (Interlagos, Cidade Dutra, Parelheiros e Grajaú). É importante salientar que grande parte dessas unidades está situada em áreas de proteção ambiental, áreas de nascentes e mananciais. Por isso uma importante preocupação das ações formativas esteve relacionada à sustentabilidade ambiental, integradas às ações artísticas e à educação, criando um contexto propício para as intervenções em Arte Contemporânea.

Dessa maneira, a intenção de criar uma rede cultural local foi aos poucos tomando forma, mas ainda é necessário muito trabalho e investimento de diferentes setores, para que possamos fomentar esse grupo como um polo de referência em Arte e Educação com crianças bem pequenas.





2

OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO



Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são parte desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana. Todo o progresso humano é refinado por essa rede e o fortalece. [...] Isso porque, lado a lado com a linguagem conceitual, existe uma linguagem emocional; lado a lado com a linguagem científica ou lógica, existe uma linguagem da imaginação poética.[...] Logo, em vez de definir o homem como animal racional, deveríamos defini-lo como animal symbolicum. Ao fazê-lo, podemos designar sua diferença específica, e entender o novo caminho aberto para o homem – o caminho para a civilização.

Ernst Cassirer, em *Ensaio sobre o Homem*.

Acreditamos que os profissionais implicados e mobilizados em um processo de mudança de práticas precisam estar mergulhados em um contínuo movimento de reflexão sobre as melhores maneiras de aperfeiçoar as proposições que enriquecem o universo simbólico das crianças. Nesse contexto, a Arte Contemporânea, por algumas de suas peculiaridades, oferece caminhos profícuos ao estreitar as relações entre cultura e educação e sugerir aberturas para novas ações das crianças que, por sua vez, geram experiências significativas.

Experiência significativa pode ser considerada aquela que, partindo do conhecimento prévio das crianças, traz a possibilidade de reflexão em



diferentes níveis, gerando dessa maneira aproximações sucessivas às múltiplas linguagens, ressignificando o sentido das novas aprendizagens.

Quando optamos por trabalhar com Arte Contemporânea, referimo-nos à primazia dos processos; o que significa que nosso foco com as crianças pequenas não está nos produtos do fazer artístico, mas sim nos percursos de exploração e desdobramentos revelados por meio da investigação ativa. Outro aspecto importante da Arte Contemporânea diz respeito à abertura ao uso de materiais não convencionais nas produções, ou seja, não é preciso que o trabalho esteja centrado em meios e suportes convencionais das Artes Plásticas, tais como papel, lápis, tinta, pincel, etc. Qualquer material pode ser utilizado, de acordo com o projeto a ser desenvolvido por aqueles que se envolvem em uma investigação poética. Com isso, as diferentes linguagens das artes se misturam e assumem papel importante no lugar das técnicas, que passam a estar a serviço de uma proposição estética.

No âmbito desse projeto, o professor aparece como um proponente que cria condições para a existência de experiências estéticas, em um movimento de conquista de profissionalismo e autonomia, que exige pesquisa, estudo e implica em um intenso percurso de aprendizagens com relação não só aos aspectos didáticos do trabalho, mas também ao universo da Arte. Nesse sentido, buscamos caminhos que viabilizassem o fortalecimento de uma concepção de autoformação, a ser

apropriada pelos educadores. Para tanto, os nossos objetivos ao longo da formação foram:

- Formar continuamente professores de crianças de 0 a 3 anos em 14 unidades da rede conveniada (privada/pública) à Prefeitura, localizadas na Zona Sul do Município de São Paulo;
- Potencializar e integrar as ações de cuidado, educação e artes nas rotinas;
- Contribuir para o fortalecimento e a autonomia dos profissionais, no sentido da criação de campos de experiências significativas para as crianças no cotidiano das unidades;
- Consolidar a concepção de educação que promove experiências significativas para crianças, compreendidas aqui como sujeitos ativos e curiosos na descoberta de mundo;
- Operar mudanças reais na organização intencional de tempos, espaços e materiais no ambiente da Educação Infantil.

Para o desenvolvimento dos objetivos apontados acima, trabalhamos com uma estrutura formativa que abre para diferentes frentes de reflexão, de modo a alcançar os vários profissionais envolvidos. A partir de ações planejadas em rede, promovemos encontros que mobilizaram reflexões e propuseram vivências que fortaleceram o movimento de autoria dos profissionais, subsidiando teórica e metodológica-



2 OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO

mente suas práticas e sensibilizando esses professores, coordenadores e gestores para as relações estabelecidas no dia a dia de suas unidades.

Tivemos, no projeto, encontros entrelaçados e desenvolvidos por diferentes profissionais, que, articulados, geraram um determinado dispositivo de formação. Trata-se de um conjunto de ações planejadas e coordenadas, visando ao fortalecimento dos processos de autoformação, tal como apontado anteriormente. Essa forma de organização foi pautada na metodologia construída pelo **Instituto Avisa Lá** e pode ser caracterizada neste projeto específico pelas ações descritas a seguir:

Criação de campos de experiências

Ação desenvolvida quinzenalmente durante um semestre e diretamente com um grupo de crianças e seus professores. A formadora atuou com uma professora mais experiente, que produzia uma sequência didática refletida continuamente, com os professores do grupo. As ações geradas e registradas eram passíveis de serem tematizadas na formação com todos os professores.

Poética da criança de 0 a 3 anos

Ação de estudo, realizada mensalmente com todos os professores participantes do projeto, pautada na construção de



2 OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO

sequências didáticas comprometidas com a concepção de criança capaz e protagonista e com um olhar ativo que apreende o modo de ser das crianças nas interações cotidianas com propostas inspiradas na Arte Contemporânea. Foram tematizadas práticas a partir de ações realizadas com crianças em contextos reais, estudo de abordagens teóricas interacionistas, além de trocas de experiências entre pares. Também buscamos o aperfeiçoamento do trabalho com os instrumentos metodológicos do professor: planejamento, observação, registro e avaliação.

Ateliê de Arte

Ação mensal realizada com todos os professores, com foco na criação poética, caracterizado por vivências e momentos criativos destinados aos professores. As proposições são voltadas aos professores e não se traduzem em um uso direto com as crianças. Essa formação incidiu sobretudo na possibilidade de fruição da Arte Contemporânea e do empoderamento de seu olhar e análise, por meio de visitas às exposições e mostras de trabalhos de Arte Contemporânea. A observação de espaços e a construção de ateliês voltados para a ampliação do campo de experiência dos professores foram elementos dessa ação, pois propiciaram acesso aos processos de criação e contribuíram para o aumento significativo do repertório dos professores por meio do sentir e do fazer. Essas ações proporcionaram também experiências estéticas que

alimentaram e sensibilizaram os professores, colocando-os como propositores de ações poéticas.

Formação de gestores e coordenadores pedagógicos

Ação de acompanhamento do desenvolvimento do projeto, voltada à criação de estruturas e rotinas formativas no interior de cada unidade, para consolidação dessa prática. Nos encontros com diretores e coordenadores, público central dessa ação, mensalmente, demos ênfase à articulação e à continuidade do projeto, de modo a envolver toda unidade escolar. Nessa dimensão da formação, partimos do levantamento das demandas estruturais trazidas pelas equipes gestoras para a organização de uma rotina de formação dos coordenadores pedagógicos. Nesse foco, apontamos caminhos para a construção de princípios, estratégias e sistemáticas de formação pela equipe local.

Esse cenário possibilita a imersão formativa desses atores, alimentados pela observação atenta das crianças e ao mesmo tempo sensibilizados como pessoas que têm direito ao acesso a bens culturais e como profissionais que promovem a aprendizagem das crianças.

O professor atua como um investigador, que vivencia um processo de pesquisa e propõe novas intervenções envolvendo a criança ao reconhecer a natureza de suas diferentes linguagens expressivas. A partir da elaboração de sequências de atividades construídas com base em seus conhecimentos

2 OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO

sobre Arte Contemporânea e hipóteses iniciais sobre as ações das crianças, o professor cria campos de experiência diferenciados para os pequenos. Na construção desse processo, o professor assume o lugar de quem reflete, ao planejar com intencionalidade, no decorrer da ação, durante a realização das sequências e após a realização deste trabalho, construindo uma sistemática de observação e acompanhamento, documentada e constantemente retomada.

A inserção cultural dos professores nos espaços da cidade, as visitas aos museus e a ênfase em experiências estéticas alargaram as percepções e ampliaram culturalmente as atividades oferecidas. Trata-se de uma mobilização intensa, com vistas a promover a maior circulação de professores que, em sua maioria, vivem e transitam em bairros periféricos, distantes dos centros culturais da cidade. Investir na formação cultural do grupo, portanto, implica em uma ação política, no sentido de garantir a todos o acesso a bens culturais públicos, constituindo uma relação de interesse e prazer estético que o contato com a cultura proporciona. Dessa maneira, as situações formativas propiciaram que o conhecimento criasse sentido para os professores e para as crianças, pois ele esteve inserido na dimensão das percepções, dos sentimentos em contextos histórico-sociais, nos quais educação, cultura e sociedade inte-



2 OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO

ragem, criando novas relações e saberes. Foi muito significativo em todo o processo de formação observar o encantamento dos adultos e seus esforços para compreender e gerar sentidos e saberes a partir das ações de sensibilização estética.

Apresentamos a seguir um depoimento para ilustrar esse progressivo encantamento dos educadores com relação às artes:

CEI Vila Nicarágua

Relatório referente à visita da nossa equipe à Bienal em 07/10/2016.

Para a nossa equipe, a visita à Bienal já faz parte dos eventuais estudos, pois nossas professoras gostam muito de visitar locais que nos levam a novas descobertas. Há interesse e curiosidade para ver os trabalhos expostos, assim como imaginar o que as crianças podem aprender com eles; e as professoras se sentem atraídas e motivadas por trabalhos e obras expostas.

Algumas obras marcaram nossa equipe, artistas como: Carolina Caycedo, que retrata a catástrofe de Mariana- MG, Rita Ponce de Leon, Jordan Belson e Pia Lidman.

A questão mais importante da experiência de visita à Bienal é a liberdade que cada pessoa tem de fazer sua própria leitura, de interpretá-la do seu jeito, o que somos convidados a pensar, e ir além como questão de aprendizagem.

Ir à Bienal nos ajuda a não ter medo de ousar, a ampliar o conhecimento, ter novos olhares, sentir a necessidade de ir além, diversas possibilidades, nas cores, traços e formas, pois não existe certo ou errado; tudo é arte. Recebemos uma energia que depois é colocada no papel quando planejamos e organizamos as atividades para nossas crianças.

Ampliação Cultural

O homem construindo e lendo/atribuindo significados tornou-se um ser simbólico. [...] Fazer e compreender Arte são processos de humanização.

Maria Terezinha Telles Guerra, *Ensinar e Aprender Arte*

Conhecer o mundo e as manifestações culturais é fundamental para o educador. Desse modo, é importante que um processo de formação envolva também atividades culturais que alimentem a prática educativa. No *Projeto Conexões*, sempre incentivamos a visita a museus e espaços de exposição como uma atividade de ampliação cultural para os educadores.

O ensino da arte e da cultura para educadores pode contribuir com a transformação da realidade socioeducacional de crianças de 0 a 3 anos ao atrelar a cultura às práticas sociais reais. Ao considerar a criança como inventiva e curiosa, promovemos a ampliação do universo cultural, bem como os processos de construção de conhecimento e, principalmente, a autoria de seus participantes, sejam eles educadores ou crianças. Ao propiciar novas formas de olhar, experimentar, conhecer, apropriar-se e fruir a produção humana – material e simbólica, ampliam-se as possibilidades de escolha dos

aprendizes. Conhecer e poder optar, por sua vez, é a base da construção da cidadania, tão desejada nos contextos educativos contemporâneos.

Quando as produções culturais entram na instituição educativa, tudo passa a fazer sentido, pois há uma perspectiva histórica, cultural e social em jogo. Os profissionais, ao perceberem a importância de unir educação e cultura, buscam conhecer cada vez mais, estabelecem conexões, interagem melhor com as crianças, que têm, assim, a oportunidade de vislumbrar inúmeras relações entre objetos, culturas, pessoas e natureza. Dessa maneira, eles proporcionam às crianças novos conhecimentos e diferentes visões da realidade, para que elas possam encontrar um sentido pessoal naquilo que aprendem, constituindo uma desejável e fecunda situação educativa.

No *Projeto Conexões*, os CEIs tornam-se um mundo onde cabem muitos outros. Instigados pela formação, educadores selecionaram e trouxeram para as crianças a oportunidade de dialogar e conhecer mais sobre a arte e seus modos de fazer. É essa educação que queremos: uma educação integrada com a forma de conhecer das crianças e da Arte produzida hoje e com as questões do nosso tempo.



Professoras dos
CEIs em visita ao
Instituto Tomie Ohtake



3

**A ARTE
CONTEMPORÂNEA COMO
UMA POSSIBILIDADE
DE RECONHECER AS
MUITAS EXPRESSÕES
DAS CRIANÇAS**

3 A ARTE CONTEMPORÂNEA COMO UMA POSSIBILIDADE DE RECONHECER AS MUITAS EXPRESSÕES DAS CRIANÇAS

Tudo se passa como se Leonardo nunca tivesse amadurecido completamente, como se todos os lugares de seu coração estivessem de antemão ocupados, como se o espírito de investigação tivesse sido para ele um meio de escapar à vida, como se ele tivesse investido em seus primeiros anos todo o seu poder de assentimento, e como se tivesse até o final permanecido fiel à sua infância. Ele brincava como uma criança [...].

Sobre Leonardo da Vinci, de Maurice Merleau-Ponty em *O olho e o espírito* – Editora Cosac Naify.

As crianças de 0 a 3 anos são movidas pela sua percepção multissensorial, no engajamento com todo o seu corpo nas aprendizagens, pesquisas e investigações cotidianas. Sua forma espontânea de expressar-se, envolverem-se nas mais diferentes propostas e criar soluções inusitadas para os desafios resulta em criações singulares e poéticas. Muitas vezes existe, entre a poética da criança pequena e os modos de fazer da Arte Contemporânea, uma similaridade de temáticas e procedimentos. Muitos artistas contemporâneos trazem em seus trabalhos processos de produção que inovam sensações e percepções, buscando significados, e abrem campos de experimentação. Tratamos aqui de um diálogo possível entre a produção realizada na atualidade e os saberes e fazeres das crianças.



3 A ARTE CONTEMPORÂNEA COMO UMA POSSIBILIDADE DE RECONHECER AS MUITAS EXPRESSÕES DAS CRIANÇAS



Para explicitar essa conexão entre a Arte Contemporânea e a poética das crianças de 0 a 3 anos, podemos citar a *Enciclopédia Itaú Cultural*: “as novas orientações artísticas, apesar de distintas, partilham um espírito comum: são, cada qual a seu modo, tentativas de dirigir a arte às coisas do mundo, à natureza, à realidade urbana e ao mundo da tecnologia. As obras articulam diferentes linguagens – dança, música, pintura, teatro, escultura, literatura etc., desafiando as classificações habituais, colocando em questão o caráter das representações artísticas e a própria definição de arte”.

Podemos dizer que algumas das características da Arte Contemporânea possibilitam um diálogo produtivo com as crianças pequenas e seus saberes, como, por exemplo, a seleção dos materiais a partir do percurso poético daquele que cria. Ou seja, o fazer artístico das crianças não está mais restrito aos materiais e suportes convencionais, nem à realização passo a passo de uma determinada técnica ou linguagem específica. Esse olhar para a liberdade de uso dos materiais e para o percurso do artista permite uma ressignificação dos fazeres das crianças em relação às artes. Nas Artes Visuais, antes considerávamos o papel, o carvão, o pincel, a tinta óleo, a tela preparada, bem como outros instrumentos típicos para uma produção em pintura; no entanto, hoje, folhas secas, gravetos, tijolos e tintas naturais podem ser utilizados em uma produção plástica. Assim, conhecer artistas, processos e trabalhos de Land Art contribuem para que o professor compreenda a importância das pesquisas das crianças com água, terra,

3 A ARTE CONTEMPORÂNEA COMO UMA POSSIBILIDADE DE RECONHECER AS MUITAS EXPRESSÕES DAS CRIANÇAS

gravetos, folhas e toda uma série de materiais naturais e também reflita sobre a necessidade de desconfinamento das crianças e da utilização dos espaços externos integrando saúde, educação, cuidado e cidadania.

Na linguagem teatral, percebemos também muitas transformações. Os espetáculos saíram do palco convencional, ganharam as ruas, a interatividade com o público aumentou. Hoje podemos participar de um espetáculo com caráter cênico caminhando em um cemitério da cidade! Essa disponibilidade para explorar lugares e tempos dilatados são próximos dos modos de agir da criança.

É, portanto, essa concepção de arte mutante e múltipla que enfatiza o processo, que se pauta nas experiências sensoriais e nas intervenções do espaço, que entende o corpo como lugar de vivências significativas e que é movida pelo olhar e pela participação do outro, que possibilita novos olhares sobre as crianças e as práticas dos CEIs.

O fazer contemporâneo coloca em evidência, mais, os processos artísticos do que seus produtos. Muitas vezes, para compreendermos o sentido de uma obra, é fundamental conhecer sua história e contextualizá-la. Isso nos permite acompanhar o pensamento criativo do artista em seu percurso. Muitas vezes o resultado não corresponde aos padrões estéticos mais comuns do século XIX, nem mesmo às ousadias das vanguardas modernistas. Trata-se de produtos que marcam provocações, oferecem perguntas, convidam à brincadeira. Assim também valorizamos



3 A ARTE CONTEMPORÂNEA COMO UMA POSSIBILIDADE DE RECONHECER AS MUITAS EXPRESSÕES DAS CRIANÇAS



as descobertas das crianças em seus percursos de aprendizagens. As produções infantis muitas vezes são peças que contam de um processo elaborado de investigação.

Essa maneira de compreender o fazer artístico implica em valorizar a importância do coletivo e de processos cooperativos. Não está em jogo a maestria técnica do artista, mas sua capacidade de apresentar um pensamento criativo que possa expressar diferentes maneiras de ver e criar novos mundos. Assim também entendemos os processos de criação nos quais as crianças participam como coautoras, quando imersas em um coletivo que implica em outras crianças e adultos educadores.

Outra característica importante da produção contemporânea que nos ajuda a pensar nos fazeres infantis diz respeito ao desenvolvimento das técnicas a serviço do projeto do artista. Não temos mais artistas restritos a aprimorar uma ou outra determinada técnica. O que observamos são ampliações de repertório de acordo com o projeto que será desenvolvido. Também com as crianças, não pretendemos a reprodução de técnicas, mas sim que elas ampliem suas competências expressivas e desenvolvam uma linguagem poética ao conhecer o mundo.

Nesse sentido, a aproximação dos educadores com a Arte Contemporânea, no contexto formativo, ajuda a dar visibilidade às construções particulares das crianças, proporcionando abertura para a escuta das formas de pensar próprias da infância, uma vez que ajuda a reconhecer o protagonismo infantil em toda sua complexidade.

3 A ARTE CONTEMPORÂNEA COMO UMA POSSIBILIDADE DE RECONHECER AS MUITAS EXPRESSÕES DAS CRIANÇAS

O uso de todos os sentidos na interação com a obra de arte é outra característica marcante para se pensar as formas de investigação das crianças. Com as crianças pequenas, o corpo é o instrumento que torna possível toda vivência e pesquisa. Suas sensações, percepções e movimentos têm um compromisso com a investigação, que é a tônica e seu modo de estar no mundo. Esse mesmo compromisso com o corpo pensante levou artistas contemporâneos, tais como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Olafur Eliasson, Antony Gormley e Amélia Toledo, entre outros³, a usarem o corpo como suporte e meio para provocar diálogos inusitados nas exposições. São instalações, performances que convocam ao uso dos diferentes sentidos pelos participantes, com resultados inesperados. Assim sendo, a inspiração destes artistas contribui para que os professores possam pensar e planejar novas propostas para as crianças. Propostas que também ofereçam a possibilidade de os pequenos experimentarem as atividades como algo multissensorial.

A aproximação com os artistas criou, no *Projeto Conexões*, um contexto fértil para a formação dos professores, que, partindo de um olhar informado culturalmente, buscou compreender como esses artistas poderiam ampliar ludicamente as experiências das crianças, na ação, na busca de novas soluções e na formação de novos olhares.

Hélio Oiticica

“Hélio Oiticica é um artista cuja produção se destaca pelo caráter experimental e inovador. Seus experimentos, que pressupõem uma ativa participação do público, são, em grande parte, acompanhados de elaborações teóricas, comumente com a presença de textos, comentários e poemas. Pode-se, de acordo com o crítico Celso Favareto, identificar duas fases na obra de Oiticica: uma mais visual, que tem início em 1954 na arte concreta e vai até a formulação dos Bólides, em 1963, e outra sensorial, que segue até 1980.”

☐ <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>

☐ <http://www.heliooiticica.org.br/projeto/projeto.htm>



³Pequenas descrições dos trabalhos destes e de outros artistas podem ser encontradas no capítulo onde são apresentadas as sequências didáticas elaboradas pelos professores.

3 A ARTE CONTEMPORÂNEA COMO UMA POSSIBILIDADE DE RECONHECER AS MUITAS EXPRESSÕES DAS CRIANÇAS

Eixos que atravessaram a prática dos professores em uma interlocução híbrida

Considerando as formas de pensar e agir da criança pequena, buscamos encontrar eixos que aglutinassem propostas que reconhecessem o potencial da atividade infantil em seu próprio desenvolvimento. Trata-se de conceitos em construção, muito próprios do contexto do *Projeto Conexões*, e, portanto, sempre abertos a novas possibilidades de transformação. No âmbito do projeto, esses eixos contribuíram para o estudo dos educadores com relação às diferentes produções artísticas; além de contribuir para que os professores pudessem reconhecer que as crianças têm recursos próprios para interagir e aprender, tomam decisões sobre o que fazer e como agir e usam a interação como motor da aprendizagem e do próprio desenvolvimento.

Em suas atividades, as crianças concentram-se verdadeiramente ao tentar descobrir soluções para os problemas que encontram em seu percurso, ou para situações criadas por elas próprias ao manipular objetos e interagir com outras pessoas, o que demonstra que elas constantemente buscam sentido para suas ações e encontram desafios que podem ser tanto de ordem concreta e sensorial como de ordem simbólica, quando mais crescidos.

São diversas possibilidades de atividades que, agrupadas a partir das produções realizadas no âmbito da formação, permitiram a abertura de campos de experiências, que geraram aprendizagens significativas para crianças pequenas em uma perspectiva de um

Amélia Toledo

“Amélia Toledo apresenta, desde a década de 1970, uma produção baseada nas formas da natureza. Recolhe e coleciona materiais como conchas e pedras, sobre as quais age minimamente. A paisagem também é uma constante, exemplificada em obras como *Fatias de Horizonte* (1996), na qual anteparos com chapas de aço recriam a ilusão visual da linha do horizonte, envolvendo questões como continuidade e descontinuidade. O caráter experimental, a utilização de uma extensa gama de materiais – da natureza e industriais – e o interesse em recriar a paisagem são, portanto, recorrentes na obra da artista, que se dedica também à pintura a óleo e aquarela, em obras geralmente monocromáticas, com sutis vibrações luminosas.”

☐ <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9129/amelia-toledo>

☐ <http://www2.uol.com.br/ameliatoledo/home.htm>

Antony Gormley

“Antony Gormley es ampliamente reconocido por sus esculturas, instalaciones y obras de arte públicas que investigan la relación del ser humano con el espacio. Su trabajo ha desarrollado las posibilidades abiertas por la escultura desde los años 60 a través de un compromiso crítico con su propio cuerpo y se enfrenta a cuestiones fundamentales donde el ser humano se encuentra en relación con la naturaleza y el cosmos.”

☐ <http://vacioesformaformaesvacio.blogspot.com.br/2013/05/antony-gormley-escultura.html>

Sua obra é aberta, pois não se preocupa com uma única interpretação. Investiga a relação do corpo humano no espaço e para isto se utiliza de diferentes materiais. Suas intervenções estão além do circuito da arte, propondo um encontro entre vida e arte.

☐ <http://www.antonygormley.com/>

espaço relacional alimentado pela Arte Contemporânea. Partimos de uma concepção de experiência como situações que potencializam interações das crianças, tal como aparece nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de 17/12/98, redigidas pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação e ho-

mologada pelo MEC em 2010. As experiências organizadas no *Projeto Conexões* podem ser compreendidas como um novo que desvela fios que, tramados, se relacionam e se misturam, mostrando a multiplicidade das aprendizagens das crianças, possibilitando que brinquem e se expressem por meio de diferentes linguagens. Sabemos que muitas vezes é difícil para o professor organizar um trabalho que integre seus objetivos às necessidades de aprendizagem das crianças. Para isso, organizamos eixos para estruturar as nossas propostas e pensar nos melhores caminhos para a aprendizagem dos professores. Essa é a característica de um trabalho com caráter didático. Nesse percurso, a observação das crianças relacionada aos saberes sobre desenvolvimento infantil e Arte Contemporânea possibilitaram a criação de eixos, entendidos como pontos para ancoragem da formação dos professores.

Um importante fio condutor que articulou os diferentes eixos de trabalho diz respeito à relação entre ludicidade e a Arte Contemporânea. Muitas vezes, nas instalações e performances atuais, há um caráter lúdico, um caráter de jogo, diversão, que instiga que o visitante participe, envolva-se e estabeleça relações com seu próprio mundo de diferentes formas. No brincar infantil isso também está presente. Não há compromisso com um produto final, sendo a interação, o processo de criar personagens, enredos e cenários o que importa. Esse olhar contribui para o planejamento e desenvolvimento das ações didáticas que ajudam os educadores na elaboração de sequências didáticas.

3 A ARTE CONTEMPORÂNEA COMO UMA POSSIBILIDADE DE RECONHECER AS MUITAS EXPRESSÕES DAS CRIANÇAS

Desta maneira, elencamos cinco eixos para a formação dos educadores, eixos que estão inter-relacionados e nomeados didaticamente abaixo, de acordo com o processo formativo:

1. Elementos Naturais

A interação com elementos da natureza possibilita conexões singulares na relação da criança com o ambiente que a envolve. As construções lúdicas com materiais naturais, em geral, são bastante inusitadas e sensíveis e possibilitam que as crianças ocupem cada vez mais as áreas externas dos CEIs.

2. Corpo e movimento

As crianças de 0 a 3 anos têm, nessa primeira infância, suas principais conquistas motoras. Aprendem a se deslocar, sentar, rolar, andar, pular, correr, dançar – movimentos que necessitam da observação atenta e de intervenções adequadas de seus professores. Neste eixo, a experimentação das diversas formas de se movimentar e se relacionar com o seu próprio corpo e com outros corpos são o foco da aprendizagem das crianças e de seus professores.

3. Intervenção no espaço

Espaço, tempo e lugar geram o conceito de ambiente. O ambiente não é dado; ele é constituído pela forma como crianças e adultos interagem, deslocam-se e se relacionam com ele. Na

Educação Infantil é imprescindível considerar que o ambiente também educa.

4. Narrativas infantis

Narrar é muito mais do que contar histórias. A narrativa se apoia na linguagem oral, mas também no corpo como um todo, pois o corpo fala. Criar narrativas é inventar mundos possíveis; um movimento que contribui para a construção da atividade mental e organização do pensamento. Dessa forma, temos um dos principais motores do desenvolvimento na primeira infância, pois, ao construir narrativas de forma imaginativa, a criança brinca com a realidade e encontra um jeito próprio de lidar com ela.

5. Sentidos e sons

A criança conhece o mundo através dos sentidos (olfato, visão, audição, tato e paladar) e é nas interações – quando toca e é tocado, ouve e é ouvido – que suas experiências vão ganhando contornos. Assim ela percebe as diferenças e semelhanças entre os objetos e constrói seu próprio repertório. Desta mesma forma, a voz humana, os acalantos, os silêncios, os sons do ambiente, as músicas fazem parte da cultura brasileira e devem permear o dia a dia das nossas crianças, pois acolhem e contribuem para a construção da identidade.

4

ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS





CEI Despertar, 2014

*A criança que brinca e o poeta que faz um poema –
Estão ambos na mesma idade mágica!*

Mario Quintana em Velório sem defunto. Editora Alfaguara

Conectamos a linguagem da Arte Contemporânea e a maneira lúdica tal como as crianças se relacionam com os materiais, os objetos e o mundo que as cerca, buscando criar ambientes que possibilitem a criação de campos de experiências em processos de coautoria envolvendo adultos e crianças. Os professores, compreendidos aqui como propositores e investigadores, estudaram, participaram de vários encontros de formação, visitaram museus, alimentaram-se e elaboraram sequências didáticas visando à criação de campos de experiências transformadores de aprendizagens. A observação e escuta atentas por parte dos adultos permitiram o desdobrar de contextos materializados em sequências didáticas que buscavam dar oportunidades de elaboração de sentidos por parte das crianças, ao vivenciarem situações semelhantes, encadeadas em desafios progressivos.

É importante destacar que os contextos criados com as sequências didáticas podem ser pensados de forma simultânea e não linear. Isto é: mais de uma sequência pode ser realizada ao mesmo tempo e a ordem que apresentamos nes-

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

se documento não é necessariamente algo a ser seguido à risca. Consideramos que as sequências escolhidas reconhecem as singularidades das crianças, partem da observação de um grupo específico e podem contribuir para seus processos de diferenciação e construção da identidade. Na leitura das sequências, sugerimos alguns pontos de observação que podem se constituir em questões formativas no que se referem às práticas educativas.

- Quem são as crianças em questão?
- Quais são os objetivos com essa sequência de atividades?
- Quais são os conhecimentos prévios das crianças em relação a esses conteúdos?
- Quais linguagens artísticas estão em foco na sequência?
- Como elas são tratadas ao longo das etapas propostas?
- Como as atividades estão encadeadas? É possível observar um movimento de desafios crescentes?
- Como os objetivos se articulam com as etapas previstas na sequência?
- O que os conteúdos indicam?
- Como criar indicadores de aprendizagem estreitamente ligados aos objetivos previstos?
- Como o trabalho pode ser documentado? Como evidenciar o percurso de aprendizagem das crianças?
- Como essas sequências criam um campo de experiências para as crianças? Por quê?

- Que tipo de experiências as atividades propostas nesse eixo propiciam para as crianças?
- Como essas experiências vividas modificam as relações entre as crianças?
- As sequências de atividades possibilitam um retorno ao já vivido e a consolidação dos avanços no desenvolvimento das linguagens trabalhadas? As crianças têm a oportunidade de retomar as brincadeiras geradas nessas sequências? Por exemplo, em um momento de parque, as crianças retomam e organizam situações usando o aprendido ou o vivido nas sequências?
- Nessas sequências existem possibilidades de movimentação, de construção de autonomia e de aprendizagem em relação aos materiais?

A seguir, apresentamos vários materiais que foram gerados durante esse processo de formação, um artigo de revista, sínteses e relatos destas experiências, e também algumas sequências que podem se tornar boas referências. Ressaltamos que a forma como essas sequências estão redigidas remete ao trabalho de professores em momentos e contextos distintos. Por isso em alguns casos o texto aparece em um tom de registro de prática.

Importante também destacar que a última sequência apresentada – “a dança do desenho e o desenho da dança” – foi criada pela formadora de apoio, em parceria com as professoras das três creches polos.

A criança e a Arte: busca e encontro

Denise Nalini e Mariana Americano⁴

Pensar em um trabalho que se apóie em elementos da Arte Contemporânea com crianças de 0 a 3 anos requer conhecimento sobre o desenvolvimento infantil

Esta é uma ação⁵ que vai além do foco em um artista ou em uma obra. Nesse processo, procura-se um educador sensível que consiga estabelecer um diálogo entre a criança e a arte produzida hoje.

Os conceitos em jogo são busca e encontro. É uma busca, pois significa observar as crianças, sua forma de se relacionar em grupo e com o mundo e, a partir desse olhar cuidadoso, definir obras e artistas que conseguem conversar, dialogar com essas crianças. É encontro porque é preciso aprender a observar para poder encontrar a Arte e as crianças.

Foi com esse mapa nas mãos, feito de observações cotidianas, de estudos sobre Arte e sobre desenvolvimento e aprendizagem infantil, que começamos o trabalho com as obras do artista dinamarquês Olafur Eliasson (1967-) junto às crianças do Berçário 1 do Centro de Educação Infantil (CEI) Jardim Shangri-lá, na cidade de São Paulo.



FOTO: ACERVO CEI JARDIM SHANGRI-LÁ

As professoras pretendiam dar continuidade ao trabalho realizado na área de Artes Visuais, no segundo semestre de 2012, e começaram a pesquisar artistas contemporâneos que trabalhassem com instalações, que dialogassem com o que elas estavam trabalhando com os bebês.

Nessa pesquisa, encontraram vários artistas, entre eles: Carlos Cruz-Diez (1923-); Yayoi Kusama (1929-) e Olafur Eliasson. Depois disso, as professoras começaram a olhar de forma mais apurada para aquilo que as crianças sabiam. Observa-

⁴ Formadoras do Instituto Avisa Lá e coordenadoras da formação de educadores no Centro de Educação Infantil Jardim Shangri-lá em 2012.

⁵ Foram autoras deste projeto junto às crianças as professoras do Berçário: Amanda Sequeira, Kátia Girlene Silva Leite e Antonia Maria de Farias Leite.

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

ram o grupo, suas condições e possibilidades de desenvolvimento, necessidades de aprendizagens, saberes e desejos.

Assim nasceu o projeto A cor luz, os reflexos e a luminosidade, buscando referências na obra de Olafur Eliasson, elaborado pelas professoras do grupo de crianças de 1 ano:

Olafur trabalha com espelhos, reflexos, cor, luz e luminosidade, usando o meio ambiente e a natureza para transformar seu entorno através dos reflexos, da luminosidade e da ocupação do espaço. Por este motivo, seguiremos este caminho em busca dos objetivos almejados por nós: explorar e experimentar a percepção das cores, a orientação espacial, os diferentes planos e outras formas de envolvimento com a realidade. Assim as atividades que realizaremos junto aos bebês ajudarão a ampliar sua experiência de corpo e espaço como um todo. Esse artista tem uma preocupação com a ocupação do espaço, além de gostar de explorar os ambientes. Isso conversa bastante com a fase que os bebês estão, a de se descobrir e descobrir o outro. (Justificativa do projeto elaborado pelas professoras do Berçário.)



FOTOS: ACERVO CEI JARDIM SHANGRI-LA

Experiência com transparência em espaços abertos

Arte contemporânea para crianças pequenas

As crianças percebem o mundo com o corpo e com todos os sentidos. Elas veem o mundo não apenas com os olhos. São vivências inaugurais, que contribuem para a formação da sua própria estrutura física e mental: o primeiro contato com a luz, com o toque, com os diferentes tipos de materiais. Os pe-

Sobre Olafur Eliasson

Olafur Eliasson nasceu em 1967 na cidade de Copenhague, Dinamarca. Viveu a infância entre Islândia e Dinamarca. Formou-se na Academia Real de Belas-Artes, em Copenhague, e iniciou seu trabalho na década de 1990.

Para ele, o processo de percepção da realidade está no centro de sua pesquisa artística, que parte da investigação de questões das ciências e envolve a recriação de fenômenos naturais. É conhecido por suas esculturas e instalações de grandes dimensões feitas de luz, água, espelhos que brincam com a luminosidade e até com sensações térmicas para proporcionar uma experiência espetacular ao público.

Alguns de seus trabalhos são:

The weather project (2003), Take your time (2008), Prismas (2008), Your atmospheric colour atlas (2009), Your chance encounter (2010), Slow light sphere (2011), Seu planeta compartilhado [Your shared planet] (2011).

Em 1995, Eliasson mudou-se para Berlim, Alemanha, e deu início ao Studio Olafur Eliasson. O estúdio conta com uma equipe de 45 pessoas aproximadamente, entre artesãos, técnicos especializados, arquitetos, artistas, arquivistas, historiadores de arte, cozinheiros e administradores. Eles trabalham com Eliasson e, juntos, experimentam, desenvolvem, produzem e instalam obras, projetos e exposições. Eles também cuidam do arquivamento, da comunicação e contextualização do seu trabalho.

Fonte: Olafur Eliasson. Disponível em: www.olafureliasson.net/.

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

quenos têm na experimentação uma forma privilegiada de se desenvolver, conhecer e compreender o mundo. É nesse lugar, da possibilidade da experiência, da integração entre Arte e vida e de um olhar sobre os sentidos do espectador que a Arte Contemporânea nos convida a refletir. Não se trata apenas da produção do artista, e sim do encontro entre o espectador e suas sensações⁶. É uma arte que convida a ver além do olho, e, portanto, muito adequada para as crianças pequenas.

O uso da luz, das cores e dos espelhos desperta a curiosidade das crianças, além de estimular o conhecimento sobre o próprio corpo e do espaço, como confirma Antonia, professora do berçário, em um de seus relatos:

Em uma tarde, brincando com o nosso grupo de bebês, depois do lanche na sala, com a janela aberta ao sol, observei a luz se expandindo no espaço. Como neste momento estávamos explorando a “luz”, inspiradas nas obras de Olafur Eliasson, eu já tinha preparado um espelho para fazer um móbile. Então, peguei aquele espelho e propus uma brincadeira com as crianças, aproveitando esse sol e a sua luminosidade natural. Coloquei o espelho ao encontro da luz solar e as crianças logo começaram a interagir, brincando naquele canto. Em seguida, fui direcionando aquele reflexo na parede e no teto, e os bebês que se encontravam comigo perceberam aquele mo-

vimento. As crianças se interessaram pela nova descoberta. Gabriela e Heloisa logo perceberam aquele reflexo que estava direcionado à parede e correram para pegá-lo. Gabriela veio a mim e mostrou-me aquela luz; Heloisa tentou pegar a luz do reflexo, mas logo viu sua sombra e mudou de direção para tentar pegá-la. Coloquei o reflexo em direção ao Christopher e ao Luiz Antônio, e depois coloquei o reflexo na mão deles; eles fechavam a mão tentando pegar a luz! Subi o reflexo até o teto e Marina, que estava com um brinquedo nas mãos, direcionou-o para cima e, assim, ria e se divertia com aquele reflexo que parecia um arco-íris.

Bryan e Luiz Alexandre corriam de um lado para o outro tentando pegar o reflexo de luz que passeava naquele espaço, e Laura observava aquele movimento, sentada onde brincava. Foi muito interessante e fiquei feliz, pois pude aproveitar essa oportunidade, oferecendo aos bebês a possibilidade de cada um explorar do seu jeito o reflexo e a luz. As crianças partici-



Experiência com transparência em espaços fechados

FOTO: ACERVO CEI JARDIM SHANGRI-LÁ

⁶ Os trabalhos de Lygia Clark e Hélio Oiticica, nos anos 1960-70, são exemplos de produções que enfatizam essa ideia.

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

FOTO: ACERVO CEI JARDIM SHANGRILA



param e se divertiram muito naquele momento, fazendo descobertas e interagindo com algo extremamente atraente.

Com essa experiência, as crianças fizeram descobertas, explorando a luz, o espaço e o corpo. Compartilhei a alegria e o prazer deles durante a realização da atividade e percebi como é importante a mediação e um olhar diferenciado para possibilitar a eles a oportunidade de se descobrir, descobrir o outro e o espaço.

O que está sendo produzido hoje em termos de Arte ainda não tem uma marca de permanência, nem sabemos o que será história; só sabemos do passado e é nele que buscamos referências para tecer comentários, ler críticas de Arte. Somente o tempo e a experiência vivida é que vão mostrar o caminho do que será trilhado e valorizado no campo das artes.

Logo, o trabalho do educador é delicado. Cabe a ele pensar: O que eu escolho para oferecer às minhas crianças? Quais as referências que eu quero que elas construam? Que experiências podemos compartilhar?

Essa é uma questão polêmica, pois toda escolha deve partir de um critério: aquilo que me toca, que dialoga com o meu repertório e com minha sensibilidade. Portanto, é preciso que o educador frequente espaços culturais e tenha contato com produções artísticas para poder rever suas experiências.

Um exemplo interessante é o da 29ª Bienal de São Paulo (2010), que teve como tema “Viver junto e as reflexões sobre a convivência”. Como é que se convive? Num espaço de educação infantil, este é um conteúdo importante para o trabalho com as crianças pequenas, por possibilitar diferentes abordagens, por privilegiar diferentes obras. Essa é a hora que o educador, inspirado pela observação do grupo, seleciona imagens, esculturas, instalações, pinturas que trazem a possibilidade de sentir e de experienciar. O educador deve colocar a criança em contato com todos os elementos possíveis, criando um ambiente propício para sua aprendizagem. Tem de se comprometer a disponibilizar materiais organizados e adequados para o uso das crianças nos processos de criação e interação.

A importância das escolhas

A escolha dos artistas deve passar pela construção de referências significativas para as crianças. Elas estão construindo

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

do, neste percurso, marcas muito profundas em sua vida. Como diz Fayga Ostrower (1920-2001) em seu livro *Criatividade e processos de criação*⁷:

As imagens referenciais não são herdadas. Não são este-reótipos de percepção, não são conceitos. Formam-se, basicamente, de modo intuitivo. Configurando-se em cada pessoa a partir de sua própria experiência e como “disposição característica” dos fenômenos, isto é, como imagem qualificada pela cultura, sua visão é ao mesmo tempo pessoal e cultural.

FOTO: ACERVO CEI JARDIM SHANGRI-LÁ



É preciso observar também as referências dos professores. O que guia o seu trabalho e a escolha de um artista são as referências que ele teve em seu percurso formativo, além da memória de sua aprendizagem na infância e o que ele tem como experiência pessoal. Outro ponto a ser avaliado na hora de uma escolha é a extensão da obra de um artista. Por exemplo, não podemos falar que estamos trabalhando com Pablo Picasso (1881-1973), visto que a obra dele é extensa, complexa, com diferentes fases e modos de perceber. É preciso eleger alguns aspectos deste artista ou vários artistas que conversem entre si, uma determinada fase, algumas obras que inspirem o professor a oferecer experiências significativas para as crianças. É necessário formular hipóteses sobre as questões que tocam aquele artista, considerar o que ele fala a fim de estimular as crianças a pensarem um modo novo de fazer, de ver e de viver experiências significativas.

Na pesquisa que realizamos sobre o trabalho de Olafur Eliasson, percebi que ele tem muito a contribuir no desenvolvimento das crianças de 1 a 2 anos, principalmente no trabalho que realiza com os espelhos e com a luminosidade. Este artista não trabalha com o concreto, ele usa a natureza e o meio ambiente para transformar seu entorno por meio do reflexo, da luminosidade e da ocupação do espaço e, por isso, é

⁷ Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

que seguimos esse caminho em busca dos objetivos almejados para nossos bebês. Eles irão experimentar a percepção de cor, a orientação espacial e outras formas de envolvimento com a realidade. (Kátia, professora do Berçário, ao justificar a escolha do artista para o projeto.)

Dentre outras questões, a ocupação do espaço é um dos temas que interessam a Olafur Eliasson. *Seu corpo da obra*⁸, primeira exposição individual do artista dinamarquês no Brasil, decorre de uma pesquisa referente ao lugar que os corpos ocupam no espaço: onde estamos e como esse ambiente nos recebe. Para as crianças do Berçário 1, que estão construindo sua identidade corporal e de localização, os reflexos, a luminosidade, os espelhos são uma fonte muito rica para a construção dessa identidade corporal. Descobrir formas de ocupar o espaço e ver o corpo ocupando esse lugar de vários ângulos e possibilidades podem enriquecer esse processo.

As crianças pequenas ainda têm uma visão do seu corpo fragmentada (“as partes que eu vejo”). O espelho nos possibilita ter uma visão mais integral de nós mesmos e do outro. Por isso as crianças se surpreendem ao perceber a imagem dela e a dos outros. Essa interação é bastante prazerosa e alegre: as crianças batem coisas, beijam e abraçam o espelho, escondem-se dele e depois reaparecem. Essa forma de construir sua

imagem corporal, se olhar por inteiro em diferentes posições e formas cria novas referências sobre quem se é e como ocupa o espaço.

Construindo uma poética

A marca de um bom trabalho é quando o educador está construindo uma poética com as crianças, inspirado em um artista. Isto está muito distante de tentar que as crianças “copiem” as obras do artista. O que, inclusive para a faixa etária, se configuraria em um despropósito.

Uma ação consistente passa pela escolha de espaço, tempos e materiais, seleção de obras e criação de ambientes. Uma poética que retrata esse encontro, o do interesse e das neces-



FOTO: ACERVO CEI JARDIM SHANGRI-LÁ

⁸ ELIASSON, Olafur. *Seu corpo na obra*. Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1º/10/2011 a 8/1/2012.

sidades das crianças, com o que este artista tem a dizer, a mostrar, e, por que não, experienciar.

O trecho do relato da professora Kátia revela a construção dessa poética:

Na proposta que realizei com os bebês, eles teriam que usar o celofane para ver através dele, ocupando-se tanto do papel quanto do espaço externo e da luz natural do sol. Recortei vários pedaços em cores e tamanhos variados. Ofereci a eles e, de imediato, vi a reação nos olhos de cada um. Olhar de interrogação, mas ao mesmo tempo, de curiosidade em experimentar aquele material de todas as maneiras possíveis. A primeira reação foi amassar, já que isto emite um barulho que chama bastante a atenção, e como eles são ligados a qualquer tipo de som, isso fez com que se envolvessem mais na proposta. Depois desse momento inicial de exploração do papel-celofane, apalpando-o, amassando-o, experimentado sua textura, comecei a olhar para cima, para o céu, e falar:

– Nossa! Que bonito! Está tudo vermelho!

Luiz Antônio me olhou e sorriu. Em seguida, colocou o celofane nos olhos e passou algum tempo olhando através dele. Passados alguns minutos, ele tirou e me olhou novamente e abriu mais um sorriso. Dessa vez era um sorriso de afirmação, de que era mesmo bonito.

Quando Geovanna percebeu o que estava acontecendo, ela também colocou seu pedaço no rosto e ficou olhando através dele. Ela falou:

– Tati (Kátia) e balbuciava alguma coisa. Querendo me falar algo. Então firmei uma conversa com ela.

– Você está vendo tudo verde, Geovanna? Eu estou vendo tudo azul. Ela me olhou, sorriu e balbuciou algo, como quem queria dizer que também estava vendo. E voltou a colocar o celofane nos olhos novamente.

Heloisa sorria. Ela é uma criança muito alegre e gosta de experimentar tudo. Então colocava o celofane no rosto e sorria, querendo dizer: “Eu também estou vendo”. (...) O mais interessante nessa proposta é que eles estavam bem tranquilos e à vontade. Observavam atentamente como tinha que fazer e quando entendiam o sentido passeavam pelo gramado com o celofane nos olhos. Foi excelente a aceitação e participação deles. Durante o passeio, eu ia indagando-os sobre o que estavam vendo e quais cores viam.

– Olhem! Daqui vejo tudo azul quando olho para o sol. (Eu falava).

E Gabriela questionava com seus balbucios e olhar de curiosidade. Logo quis trocar o seu celofane com o meu. Teve a curiosidade de ver também da mesma cor que eu havia falado. Então continuei:

– Quando olho para a grama ela fica um pouco vermelha.

E logo todos olhavam para o chão.

Percebi, a partir das reações deles, o quão é importante a mediação, a intervenção e as perguntas do professor para ampliar o olhar dos bebês sobre o que está à sua volta e a forma como isso os favorece.



Atividade com globo de espelhos e seus reflexos

Contudo, o que mais me cativou foi a reação deles, posterior à proposta. Em outro momento da nossa rotina, espalhei pela sala, em cantos estratégicos, pedaços de celofane, no intuito de observar qual seria a atitude dos bebês, e enquanto brincavam nos cantos alguns encontravam o material, colocavam nos olhos e passeavam pela sala, observando o entorno naturalmente, como se aquilo fosse algo normal para eles. Isso me mostrou que a proposta teve e fez um sentido para eles. O que parecia uma simples brincadeira se tornou algo muito significativo, afirmando a ideia de que é necessário vivenciar

diversas situações, experimentar, tocar, sentir, transformando esses momentos de mediação em novas descobertas e aprendizagens para as crianças e para mim.

A Arte e a criança

Ao propiciar as experiências inspiradas na obra de Eliasson aconteceram as conversas entre o artista e as necessidades das crianças. Aí Arte e educação se encontram. E as crianças nos dão todos os exemplos de que isto está acontecendo.

Realizamos uma atividade em sala e, para isso, preparamos o ambiente com papel laminado colorido nas paredes e no chão, colocamos objetos como a “colmeia”⁹ virada para baixo que dá a sensação de uma mesa grande e baixa. Em cima colocamos garrafas pet com água e glitter, para emitir reflexos, e papel laminado, para o manuseio das crianças. Encapamos algumas caixas pequenas para que elas pudessem se olhar, latas de leite, CDs e espelhos pequenos e médios de diversos formatos.

A nossa intenção era oferecer novas descobertas com os reflexos emitidos. Organizamos o espaço colocando uma instalação baseada na obra retirada da mostra “Seu corpo na obra” do Olafur. Adaptamos uma divisória, usando papel-celofane colorido, e organizamos cantos nos quais as crianças pudessem explorar esses materiais.

⁹ Conjunto de 6 caixas de papelão, coladas lado a lado, que as crianças brincam de entrar nelas e delas sair.

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

FOTO: ACERVO CEI JARDIM SHANGRILA



Após tudo preparado, pedimos que as crianças entrassem na sala, mas antes conversamos com os pequenos e perguntamos a eles: “O que será que temos naquela sala?” E vimos as carinhas de alegria da turma.

Ao entrarem na sala, as crianças logo começaram a brincar nos cantos e a explorar os objetos ali propostos. Gabriela corria pela sala, explorando todo o espaço. Assim que pegou um espelho, ela se olhou e mostrou para a educadora Kátia. Gabriela mostrava que, no espelho, tinha a imagem dela. Acharmos isso bem legal. Caio brincou bastante com os espelhos.

Ele passou um bom tempo se observando. Achei interessante a reação dele; parecia que estava se reconhecendo. Geovanna brincou com a educadora Kátia no celofane: ela, de um lado; a educadora, de outro. Ela via a sala conforme a cor daquele celofane. Antônia apresentou os espelhos para Wesley, e ele ficou bastante interessado. A professora Nelian apresentou os CDs para algumas crianças, como Victória e Yago. Eu fui interagir com Caio na apresentação dos espelhos. Todas as educadoras interagiram conforme a necessidade e a procura de cada criança. Pudemos perceber o quanto essa mudança na sala trouxe novas descobertas para as crianças. Um exemplo bacana é o da Marina, que se apoiou no pufe revestido de papel laminado, ficou olhando e apreciando o movimento que fazia com a cabeça. Ela também subiu na colmeia e ficou brincando, tentando diferentes movimentos. Luis Fernando ficou em um canto olhando o papel laminado fixado no chão, com espelhos e CDs nas mãos. Heloisa também explorou bastante o ambiente. Ela corria e subia na colmeia. Yago brincou de se olhar no espelho, e mostrava o espelho para mim. Victória brincou de esconde-esconde com os celofanes. Eu ficava de um lado, ela do outro. Ela dava gargalhadas pela possibilidade de me achar colorida. Assim, todas as crianças puderam ampliar o olhar tanto sobre o espaço quanto sobre si mesmas em relação aos outros. Essa interação foi repleta de felicidade e alegria em estar naquele momento”. (Amanda, professora do Berçário.)

Após essa experimentação, as educadoras mediarão a construção de objetos com as crianças. As professoras pegaram o material – fita adesiva, barbante, entre outros – e começaram a criar. Elas colocaram um guarda-chuva pendurado na sala e fixaram os objetos entregues pelas crianças, formando um grande móbile.

Luís Antônio e Yago ajudaram a pendurar os espelhos. Observando a brincadeira de olhar o próprio rosto, coloquei um espelho pequeno junto ao espelho fixo na parede. Temos no espelho da sala as fotos do rosto das crianças, e assim elas podem olhar as fotos e, ao mesmo tempo, cada uma pode olhar a si própria. Luís ficou empolgado ao se ver e começou a sorrir.

Esse foi um dia de novas descobertas para os pequenos e de muita satisfação para a equipe.

Percebemos o interesse e a participação de cada criança na realização das atividades. Com isso elas trabalharam a descoberta de seu corpo e do outro, tendo contato com diversos materiais e podendo, cada vez mais, explorar o espaço. (Amanda, professora do Berçário.)

Olhar para o aluno e para a Arte, mas antes de tudo VIVER, experimentar, experienciar! Uma reflexão constante que busca, nesse encontro, o que realmente faz sentido.

Foi o Eliasson? Não! Mas esse artista nos propiciou ver isso de outra maneira e, por meio dessa realimentação, nos fez reformular nosso trabalho.

As crianças e a relação com as Artes Visuais

Segundo o livro *Children, Art, Artist*:

O trabalho dos artistas oferece alimento para o pensamento e para a imaginação, mas ao trabalhar com as crianças o foco primeiro é, desde sempre, as próprias crianças, com suas estratégias próprias para pensar, seus processos de construir conhecimentos e de estabelecer relações.

Assim, o que precisamos perseguir e aplicar quando trabalhamos com as crianças são alguns dos processos que envolvem o ato criativo, tais como sínteses, tensão exploratória, a intensa relação com as coisas, a invenção simbólica, metáfora, evocação e analogia, coragem cultural e expressividade.

O papel do professor é tornar-se um observador competente da linguagem visual e das estratégias individuais ou em grupo das crianças para que possa apoiar afinadamente a expressão autônoma infantil.

■ *Children, Art, Artist. the expressive languages of children the artistic language of Alberto Burri*

■ Reggio Children – Reggio Emilia – Itália – www.reggiochildren.it

Sequência: brincadeiras com água

CEI Parque Dorotéia

Faixa etária: 1 ano

As crianças do berçário têm, nas explorações através dos sentidos (tato, visão, audição, paladar e olfato), uma possibilidade de conhecer e aprender a respeito dos objetos e elementos naturais por meio da manipulação e exploração. Nesse grupo, grande parte das crianças demonstra muita alegria e tranquilidade nos horários de troca e banho. Portanto, seria oportuno aumentar o contato com a água em outras situações. Para isso, fomos buscar nos modos de fazer de Lygia Clark uma possibilidade para que as crianças tivessem essa oportunidade de interagir com outras crianças, observando o que o outro está fazendo, e as reações de cada criança diante dessa exploração de diferentes formas.

Objetivos:

- Criar oportunidades de conhecer, explorar e brincar com a água.
- Ampliar as descobertas sobre a água, suas temperaturas e características.

Lygia Clark

A trajetória de Lygia Clark faz dela uma artista atemporal e sem um lugar muito bem definido dentro da História da Arte. Tanto ela quanto sua obra fogem de categorias ou situações em que podemos facilmente embalar; Lygia estabelece um vínculo com a vida, e podemos observar este novo estado nos seus “Objetos Sensoriais, 1966-1968”: a proposta de utilizar objetos do nosso cotidiano (água, conchas, borracha, sementes), já aponta no trabalho de Lygia, por exemplo, para uma intenção de desvincular o lugar do espectador dentro da instituição de Arte, e aproximá-lo de um estado, onde o mundo se molda, passa a ser constante transformação. Ideia de que a participação do outro está além do espectador. O outro ativa a obra, tornando-a possível por meio da sua interação.

 <http://www.lygiaclark.org.br/>



Desenvolvimento:

“Sabendo que a necessidade de experimentação dos bebês é com o corpo todo, elaboramos propostas que eles pudessem sentir não somente com as mãos, mas com todo o corpo.

As atividades foram realizadas com água em diferentes temperaturas e formas de apresentação: morna, gelada, temperatura ambiente, em gelo, saquinhos de água transparente, de água com tinta guache e saquinhos com gelo.

A cada proposta as crianças reagiam surpresas e encantadas ao experimentar os materiais disponibilizados, com a água, primeiro o espanto, em talvez pensar: Pode mexer? Surpresa misturada com a alegria em mergulhar na água e perceber suas diferentes temperaturas.

Quando colocamos o gelo nos saquinhos a surpresa foi ainda maior! As crianças reagiram muito bem com o material. Por já conhecerem a temperatura, algumas crianças tocavam no saquinho e falavam: Gelado!

O Miguel, ao perceber que aquilo tinha uma temperatura diferente, colocava as duas mãozinhas no saco de gelo e tirava, dando uma risadinha manifestando muita alegria no que via e sentia; ele repetiu essa mesma ação um bom tempo, contagiando as outras crianças do grupo.”

Depoimento da professora Maria Nilza de J. S. Gurgel.





I - Atividade de conhecimentos prévios: brincadeira de bacias com água

Observe: Como cada criança reage ao contato com a água? Coloca as mãos dentro da bacia? Ela vira a bacia em cima dela? Ela entra na bacia? Fica só observando? Convida um amigo para brincar junto?

Importante nesse momento oferecer também alternativas para aqueles que não querem entrar em contato com a água.

II - A água é sempre igual?

Para a criança apropriar-se de fato de uma nova experiência, é necessário que ela vivencie aquilo muitas vezes. A constância consolida as novas aprendizagens. A cada repetição será acionada uma nova experiência, colocando novas perguntas, na busca de novas respostas que vão dando sentido e ressignificando o mundo.

Uma simples brincadeira com água nos mostra quantas aprendizagens estão ali envolvidas. Desta forma, proporcionamos diversas vezes esse tipo de experiência, na qual as crianças puderam perceber as diferentes temperaturas da água.

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

III – Quebrar o gelo e brincar com ele

O poder da transformação! Colocar água no freezer e depois descobrir que virou uma pedra dura e muito gelada.

Ampliamos as nossas descobertas para uma gostosa brincadeira com gelo: quebrá-lo com pequenos martelinhos e interagir com ele, podendo colocar na boca, espalhar pelo corpo ou simplesmente escorregar e sentir sua textura.

IV – Saquinhos com gelo (cubos transparentes)

“Fernanda e Lorrany brincavam passando o saquinho uma para a outra e riam sem parar, ora fazendo algumas caretas, ora balbuciando.”



4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

V – Dá para desenhar na água?

Em nossas brincadeiras com a água, tivemos a experiência de produzir marcas no chão e perceber que formavam desenhos. Mas como fazer para desenhar na água?

Inspiramo-nos no trabalho “Desenhe com o dedo”, da Lygia Clark, e produzimos nossos próprios saquinhos com água dentro: um pouquinho de água e uma cor escolhida de tinta guache. Desenhos se formavam e desapareciam, mas experiências iam sendo incorporadas para mais um aprendizado.

Referências bibliográficas:

- *Enciclopédia de Educação Infantil*. (1997). Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar. Nova Presença.
- *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Volume: três.
- *Revista Avisa Lá nº58 - A água desenha*



Sequência: a arte de transformar e modificar o espaço

CEI Irmã Agostina

Faixa etária: 3 e 4 anos

Descobrir o espaço e descobrir-se nele representa para cada indivíduo uma experiência a cada um só tempo pessoal e universal. A partir dos primeiros movimentos físicos do corpo, a criança começa a ensaiar o espaço, a discerni-lo e a conhecê-lo, a vivenciá-lo, vivenciando a si mesma, consciente e inconscientemente. São processos que se interligam ao próprio curso de estruturação da percepção consciente, às possibilidades de a pessoa sentir e pensar-se dentro do meio ambiente em que vive.

Fayga Ostrower, em *Universos da arte*. Editora Unicamp.

Na Arte Contemporânea, há uma busca por ampliar os espaços nos quais as obras podem se apresentar, como, por exemplo, um rio, um cenário urbano, paredes, prédios, etc. Há também jeitos diferentes de intervir nos ambientes.

Buscamos na Arte Contemporânea as produções de Mônica Nador, Alexandre Cruz Sesper e Os Gêmeos para pensar em novas formas de propor ações de pintura pensando na arte urbana e na sua capacidade de transformar e revitalizar o ambiente.

Mônica Nador

Mônica Nador, desde 1999, praticamente abandona a produção de trabalhos de arte tradicionais e se volta para a produção de grandes pinturas murais, em comunidades carentes, onde passa a residir. Desenvolve pinturas em fachadas de residências, em trabalho conjunto com seus moradores, partindo de motivos decorativos. A artista obtém grande motivação da população, partindo da transformação da realidade do lugar, e explorando o potencial transformador da arte, como no projeto Paredes Pinturas, realizado em São José dos Campos, São Paulo.

☐ <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8539/m%C3%B4nica-nador>

👍 <https://jamacarteclube.wordpress.com/>

“Durante o desenvolvimento de uma proposta de artes de pintura com o minigrupo II C, caiu o barbante na tinta e uma criança pegou e o passou na parede, encantando-se com a marca que deixava... Daí surgiu a ideia de modificar o espaço. Então organizei essa sequência de artes focando a intervenção no espaço no intuito de inserir o grupo no mundo da Arte Contemporânea. Com tudo isso, consegui oportunizar situações onde as crianças vivenciaram, criaram, apreciaram, construíram, desconstruíram, pintaram, desenharam, recortaram, colaram, modelaram e modificaram o nosso espaço.”

Prof. Ivani Silva dos Santos

Ao experienciar essas ações, as crianças descobrem gradativamente o que são capazes de produzir, surpreendem-se e nos surpreendem com o resultado do seu trabalho, mostrando-se capazes de refletir sobre essa prática, essa experiência de produção, que somada ao imprevisto e à intencionalidade, vai conquistando autonomia de criação, o que é indispensável nesse processo de desenvolvimento do percurso criador. A relação com o espaço por meio de intervenções permite às crianças ampliar esse processo de criação e de apreciação, construindo novas narrativas ao deslocar o corpo no espaço e descobrir novos caminhos a serem percorridos, de forma a revitalizar o ambiente.

Sesper

Alexandre Cruz Sesper (Santos - SP, Brasil, 1973). Sua obra origina-se de uma mistura de várias linguagens, como a colagem, a pintura, o desenho, as estampas e os recortes de madeira, encaixando formas e composições altamente intrincadas. Baseado em experimentos feitos em manipulações digitais de papel e gráficos, seu trabalho ocorre principalmente em painéis de madeira, incorporando uma ampla gama de objetos sobre o suporte, fazendo referência direta ao conceito de montagem. Sesper encontra suas fontes em materiais descartados, como cartazes, revistas, jornais, fotografias, documentos e equipamentos obsoletos, muitas vezes dados por amigos ou pertencentes a seus próprios arquivos. Seu processo envolve a adição de camadas de significado a elementos que já traziam significado sentimental anterior.

☐ <http://www.sesper.com/>

O encantamento das crianças

Durante o desenvolvimento de uma proposta de pintura com o minigrupo II C, caiu um pequeno pedaço de barbante na tinta e uma criança o passou na parede, encantando-se com a marca que deixava. Essa observação nos levou a pensar em como poderíamos modificar o espaço para ampliar e explorar o fazer artístico das crianças, construindo novas narrativas e formas de expressão.

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

Um espaço que tivesse a marca deles, que contasse um pouco dessa identidade.

Acreditamos que ao experienciar essas ações as crianças descobrem gradativamente sua capacidade de produzir, surpreendendo-se e nos surpreendendo com o resultado do seu trabalho.

Objetivos:

- Que as crianças possam perceber as diferentes possibilidades de criação, de construção, intervenção e revitalização do espaço.
- Criar novas narrativas através da apreciação de imagens de obras de artistas consagrados e do fazer arte na creche.
- Observar a transformação dos materiais utilizados.



Os Gêmeos

OSGEMEOS (1974, São Paulo, Brasil), Gustavo e Otávio Pandolfo, sempre trabalharam juntos. Quando crianças, nas ruas do tradicional bairro do Cambuci (SP), desenvolveram um modo distinto de brincar e se comunicar através da arte. Com o apoio da família, e a chegada da cultura Hip Hop no Brasil nos anos 80, OSGEMEOS encontraram uma conexão direta com seu universo mágico e dinâmico e um modo de se comunicar com o público. Exploravam com dedicação e cuidado as diversas técnicas de pintura, desenho e escultura, e tinham as ruas como seu lugar de estudo.

Nunca deixaram de fazer *graffiti*, mas, com o passar dos anos, esse universo criado pela dupla, com o qual sonham e se inspiram, ultrapassou as ruas, se transformando numa linguagem própria e em constante evolução, com outras referências e influenciado por novas culturas.

Acreditam nos encontros e experiências que a vida proporciona, em seu ritmo natural e delicado. Os artistas, hoje reconhecidos e admirados nacional e internacionalmente, usam linguagens visuais combinadas, o improviso e seu mundo lúdico para criar intuitivamente uma variedade de projetos pelo mundo.

☐ <http://www.osgemeos.com.br/pt>

Desenvolvimento:

I – Como as crianças dialogam com a obra do artista?

Iniciamos uma conversa sobre “ser artista”, “o que fazem os artistas?”, “como eles trabalham?”. Para exemplificar, apresentamos o trabalho de três artistas que tem como foco as intervenções no espaço: Mônica Nador, Alexandre Cruz Sesper e os Gêmeos.

Após a conversa, disponibilizamos as caixas de imagens com alguns trabalhos desses artistas para que as crianças pudessem manipular e se inspirar a seu modo.

II – Intervenções na parede da entrada do CEI

Depois de conhecer o trabalho desses artistas, pensamos que seria uma boa ideia também modificar as paredes do nosso CEI e resolvemos começar pela parede da entrada.

Nosso trabalho começou com várias visitas ao local e conversas sobre quais materiais deixariam a nossa parede mais bonita, que tipo de intervenções poderíamos fazer ali.

A escolha foi por colocar pequenos espelhos nessa parede para refletir o próprio ambiente e as pessoas que por ali passarem. Discutimos qual seria a melhor forma para fixar esses espelhos e, para isso, fizemos um atelier com pedaços de madeiras, tinta guache, cola e pequenos espelhinhos.

Cada um produziu o seu pedaço da intervenção e com todo o material já preparado fizemos a fixação na parede da entrada do CEI.



III – Colagem dos azulejos no jardim

Ainda olhando para esse espaço da entrada do CEI, algumas crianças nos chamaram a atenção para o jardim. Já que a parede ganhou as nossas marcas, por que não ampliar essa experiência e também fazer uma intervenção no jardim?

Novamente conversamos sobre as possibilidades de materiais e optamos por fazer uma intervenção utilizando pedaços de azulejo, como em um mosaico. Um trabalho de composição do grupo.



IV – Como modificar a parede do pátio?

Agora, com a entrada do CEI já modificada, subimos as escadas e passamos a observar os espaços comuns que utilizamos para brincar.

E dessa vez a escolha foi por materiais circulares, inusitados até então, como CDs e rolinhos de durex já utilizados, e também redinhas coloridas. A ideia era colocar materiais que pudessem ser manipulados pelas crianças que ali fossem brincar. Materiais resistentes e interessantes, de texturas, formas e tamanhos variados.



V - Pintura texturizada

Paredes já modificadas e um desejo de continuar fazendo intervenções! Assim nasceu a ideia de fazermos um quadro com pintura dos dois lados, um quadro dupla face, para ser pendurado em um dos espaços internos do CEI.

Um trabalho que precisou ser bem planejado, envolvendo várias etapas. A partir do desejo de fazer uma pintura texturizada, que tivesse algum tipo de relevo, aprendemos a fazer uma massa de papel machê para revestir o quadro.

Pintamos o fundo do quadro, aplicamos a massa de papel machê e só depois fizemos as pinturas. Algumas crianças pintaram de um lado e outras do outro lado.



Por que o papel está no balde? O papel sumiu!
O papel derreteu! Está mudando de cor!

Referências bibliográficas:

- *Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil* / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007. 152p.
- *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/ Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.130p.
- *Portfólio de artes 2012 – CEI Shangri-lá*.
- *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*, Vol. 3.
- *Revista Avisa lá*, nº 56 – *Gestos de Artistas invadem espaços*.



... e após tanta espera chegou o grande dia para finalizarmos com a pintura.

Sequência: as narrativas de um olhar que constrói, imagina e inventa

CEI Santa Terezinha

Faixa etária: 3 e 4 anos

É visível o prazer que as crianças têm, desde muito cedo, em ouvir histórias e narrativas. Estas possibilitam uma aproximação significativa ao conhecimento e o fortalecimento dos vínculos afetivos, além de trazer avanços para o desenvolvimento infantil na oralidade. Foi através de histórias contadas e lidas que observamos o envolvimento, a inquietação, a curiosidade, o prazer e a participação do grupo. Refletindo sobre como esse é um momento único, encantador e repleto de vivências marcantes e muito particulares, que integram a fala, o corpo, o movimento e as brincadeiras, trouxemos o livro: *A colcha de retalhos* para enriquecer as possibilidades de contar e de brincar a partir de suas histórias e de seus familiares.

Uma colcha de retalhos possibilita a criação de novas narrativas, conta um pouco da história de cada um e desse grupo, que constrói junto uma história própria.



Podemos entender narrativas em dois sentidos: narrar como contar, tal qual as histórias contadas ou lidas pelos adultos, e a narração como uma escuta, modo pelo qual as crianças falam, brincam e se movem, contando suas próprias experiências. Nessa sequência integramos esses dois sentidos, trazendo do mundo da literatura uma história (A colcha de retalhos) que permite conectar infâncias das avós às experiências das crianças.

Objetivos:

- Integrar memória, artes e brincadeiras.
- Fomentar a participação da família nas experiências das crianças.
- Resgatar histórias, músicas e brincadeiras antigas.

Desenvolvimento:

I - O começo da colcha de retalhos, das brincadeiras e das histórias das avós

Leitura do livro *A colcha de retalhos*¹⁰ e roda de conversa sobre as avós (nome, onde mora, quantas avós tem, o que gosta de fazer com a avó). A partir dessa conversa, surgiu o interesse das crianças pelas coisas gostosas que as avós sabem fazer. Então resolvemos elaborar uma lista com todas essas coisas: bolo, suco, brincar de boneca, assistir TV, sopa, passear, etc.

II - Desenhos para compor a colcha

A leitura despertou nas crianças a vontade de também fazer uma colcha de retalhos. Começamos a pensar em como ela poderia ser feita. Por que não fazermos com vários desenhos?

¹⁰ A colcha de retalhos – Conceil Corrêa da Silva, Nye Ribeiro Silva, Editora do Brasil S/A



III - Apresentação, leitura e conversa sobre algumas obras do artista Ivan Cruz

Para alimentar a pesquisa que estávamos também fazendo sobre as brincadeiras das avós, apresentamos às crianças o artista Ivan Cruz.

IV - Colcha de retalhos de papel

Conforme as crianças faziam os desenhos, eles eram guardados em uma caixa. Quando a caixa já estava repleta, partimos para a confecção da nossa colcha de retalhos de papel (como suporte). Desenho individuais viraram uma composição do grupo: uma criança escolheu onde colocar o seu desenho e as outras foram dando sequência.

No final, fizemos uma roda para apresentação e apreciação dos desenhos.

V - No tempo da vovó

O interesse pelo tempo das avós foi ganhando corpo através de histórias e objetos que as crianças passaram a trazer de casa. Músicas, brincadeiras e histórias daquele tempo foram sendo incorporadas na nossa história de hoje. Além de brincar e cantar, também combinamos alguns momentos de faz-de-conta com objetos trazidos pelas avós.

VI - Tapete de retalhos

Nossa colcha de papel foi um sucesso, e a participação das avós também. Agora chegou a hora de juntar tudo! Já tínhamos feito uma colcha; então surgiu a ideia de fazermos um tapete para a nossa sala com retalhos de tecidos. Cada criança escolheu um retalho, desenhou nele e levou para casa, onde a avó, junto com a criança, poderia completar esse trabalho. A criança deveria trazer junto um relato da avó.

Ivan Cruz

Ivan Cruz pintou cerca de 600 quadros, de 1990 até hoje, retratando mais de 100 brincadeiras distintas, e chamou essa série de “Brincadeiras de Criança”, que passou a reunir em suas exposições não só os quadros, mas os brinquedos retratados, oficinas de brincadeiras e confecção de brinquedos, contadores de história, além de uma ambientação com músicas da época, como cantigas de roda. Tudo nascido do sonho, da saudade e da vontade de fazer com que todos voltassem a brincar e as crianças de hoje aprendam o verdadeiro espírito dessa arte que está sendo deixada de lado hoje em dia.

 <http://projetobrincadeirasde-crianca.blogspot.com.br/>

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS



Depois de escolher onde estará o seu retalho e costurar, ficou pronto o tapete para cada criança levar junto com o livro para contar a história em casa com a família e devolver com um relato nos contando como foi esse momento.



Convidamos as avós para nos ajudarem na conclusão do tapete de retalhos. Preparamos um lanche bem gostoso e compartilhamos esse trabalho.

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

Relato das avós no dia do chá da tarde

Vó Marota – Esse chá da tarde que você ofereceu pra nós, avós, eu nunca vou esquecer porque eu nunca vi e nem participei de algo assim. Alguém se lembrou da importância que as avós têm na vida dos netos. Parabéns professora.

Vó Elizabeth – Eu fiquei tão feliz com o convite que até falei no meu serviço pras minhas colegas. Pra mim é uma honra, professora, estar aqui e ver a alegria do meu neto. Muito bom mesmo.

Vó Lionete – Eu não sou muito de falar, mas esse convite mexeu muito com a minha emoção. Eu não esperava mesmo. Meus netos hoje são tudo pra mim e esse dia eu nunca vou esquecer. Obrigada, professora, por lembrar de nós.

Bisavó Rosinete – Eu já sou bisavó e é a primeira vez que recebo um convite de uma escola (no caso, aqui é uma creche), a emoção que fala por mim (lágrimas). E me abraçou (professora), agradecendo.

Vó Cida – Meu filho e minha nora me pediram muito pra eu vir. Agora vendo a alegria do meu neto e a satisfação dele quando me viu, sem palavras, obrigada professora.

Referências bibliográficas:

- *Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação – Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.*
- *Revista Avisa Lá – edição 27 – Julho de 2006.*



4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

Sequência: a dança do desenho e o desenho da dança

CEI Jardim Shangri-lá, CEI Parque Dorotéia e CEI São Norberto

Faixa etária: 2 e 3 anos

Um corpo que dança – dele geralmente se fala como se seus movimentos desenhassem algo no ar. A perna risca, o braço vai cortando o espaço. Parecem surgir linhas que vão formando um desenho. Desenho de que mesmo? O que este desenho pode representar?

Helena Katz¹¹



¹¹Helena Katz é crítica de dança, professora universitária e coordena o Centro de Estudos do Corpo (CEC).



A criança de 0 a 3 anos está conhecendo o mundo e faz isso usando todo o seu corpo e sentidos. Elas veem o mundo não apenas com os olhos, mas com as mãos que necessitam tocar e com o movimento do corpo todo que gera uma relação entre elas e o mundo. São vivências inaugurais, que contribuem para a formação de sua própria estrutura física e mental. Os pequenos tem na experimentação uma forma privilegiada de se desenvolver, conhecer e compreender o mundo.

Movimentar-se e comunicar-se através dos movimentos com mais ou menos competência depende da qualidade e da quantidade de oportunidades que temos para isso, que podem ser ampliadas

de acordo com o contexto proposto. Muitas vezes o movimento é encarado pelos adultos como algo indesejado, desordem ou indisciplina, porém ele é uma linguagem tão importante quanto qualquer outra, pois, além de ser chave para o desenvolvimento físico e motor e para a manutenção da saúde, favorece a interação das crianças com os meios físico e social, promove novas descobertas e a construção de conhecimentos. Segundo Wallon¹², a primeira função do movimento no desenvolvimento infantil é afetiva, inclusive está associada a qualquer ação da criança. Para sentir o cheiro de uma flor, ela precisa contrair e/ou contorcer sua face; para lembrar de uma palavra que quer falar, precisa movimentar seu corpo.

¹²Henri Wallon foi filósofo, médico, psicólogo e político francês.

O processo de aprendizagem pressupõe repetições e ampliação de repertório, de oportunidades. Dentro desse pensamento, a linguagem do corpo pode ser ampliada com as experiências da dança, que podem permitir à criança a descoberta de suas potencialidades de movimento, permitindo que ela se torne, também, protagonista de sua história.

Compreendendo que o desenho pode ir além do lápis e do papel e considerando a necessidade de movimento das crianças destas três creches, nasceu a proposta de integrar dança e desenho.

Permitir à criança vivenciar, entrar em contato com processos contemporâneos, com os modos de fazer contemporâneos e, assim, aprender com as experiências. Nesta linha, fomos buscar algumas referências atuais e nos deparamos com o trabalho realizado em uma oficina italiana chamada “Segni Mossi”, vídeos que nos alimentaram e ampliaram as nossas experiências.

Esta sequência tem como objetivo que as crianças explorem suas possibilidades corporais e descubram novas formas de se movimentar, de dançar e de se expressar através do corpo e das marcas que são capazes de produzir.

Desenhar é uma dança da criança e dançar é um desenho no espaço.

Segni Mossi

Segni Mossi é o nome de um projeto de pesquisa que nasceu do encontro do artista Alessandro Lumare e da coreógrafa Simona Lobefaro. Trata-se de uma oportunidade para redescobrir em grupo uma unidade entre duas linguagens: movimento e desenho, que são geralmente consideradas separadas.

Nas oficinas com as crianças, na formação artística, nas performances interativas Segni Mossi investiga a relação entre a dança e os desenhos gráficos. Dança como matéria diferente, projeção no espaço, emersão das emoções; desenho como extensão do corpo, ação, traço de experiência vivida. A dimensão é aquela da exploração, da experimentação, da descoberta e do espanto.

☐ <http://www.segnimossi.net/en/>

🔗 <https://www.facebook.com/segnimossi>

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS

Objetivos:

- Que as crianças aprendam diferentes possibilidades de movimentar-se.
- Que as crianças explorem movimento e gestos através do desenho.
- Que as crianças ampliem sua concepção de desenho e de possibilidades criativas dessa linguagem.
- Que as crianças comecem a perceber a relação entre movimento e produção de marcas.

Desenvolvimento:

I – Esticar, encolher, deitar, virar... Como faço para desenhar?



“Durante este momento, o professor deve observar as crianças, suas reações e descobertas e intervir delicadamente (falando baixo, mostrando algumas possibilidades, se necessário), apenas auxiliando nesta provocação. Lembrar que as crianças não precisam experimentar todos os suportes, mas o professor pode sugerir que experimentem algum suporte que ainda não foi descoberto pelas crianças.”

II - Novas possibilidades do desenho amplo: diversidade de planos espaciais

Organizar os suportes em diferentes planos, de forma que o corpo da criança seja provocado a se movimentar para que possa produzir suas marcas. Colocar, por exemplo, no alto ou bem embaixo, de maneira que a criança precise se esticar ou se encolher para desenhar.



III - A dança como li

Mostrar algumas imagens e perguntar, por exemplo, quem gosta de dançar e o que é preciso para dançar.

4 ENCONTROS E CONEXÕES: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE REFERÊNCIAS



Após a alimentação
estética chegou a
nossa hora de dançar



Durante essa atividade
o professor deve estar
atento para a pesquisa
corporal de cada criança,
podendo, sempre que
possível, sugerir novas
possibilidades, como uso
dos diferentes planos
(alto, médio e baixo) e
possibilidades de novos
movimentos.

IV. Dança-desenho: dá para fazer junto?

Nutrição através do vídeo: “Desenho-dança” – SegniMossi:



Corpos dançando, mãos riscando, crianças descobrindo seus movimentos e as sensações produzidas por eles. Movimentar-se e comunicar-se através dos movimentos com mais ou menos competência depende da qualidade e da quantidade de oportunidades que temos para isso.

V. Dança-desenho: descobrindo novas possibilidades



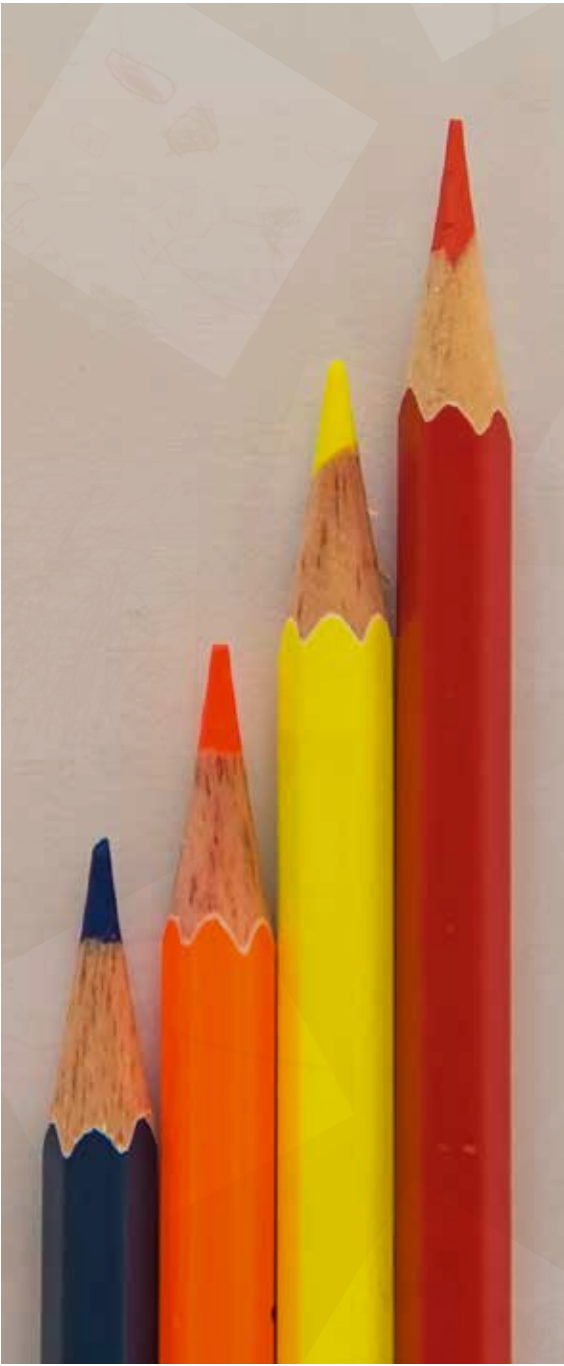
Cada criança deverá vestir a sua "roupa de papelão". Depois de vestidos, iremos para a sala utilizada para dançar, já com a música escolhida colocada. As professoras poderão mostrar uma das possibilidades dessa brincadeira, desenhando no papelão que está na barriga da outra, depois no das costas.



O LÁPIS É A PONTE
ENTRE O CORPO E O
PAPEL, O DESENHO É O
GRANDE PALCO DO
UNIVERSO INFANTE.

EDITH DERDYK

Mural-processo: as crianças
participando da documentação



Relato de uma professora no final de 2014

“Iniciei esta trajetória cheia de expectativas, a cada proposta um turbilhão de pensamentos, ideias, dúvidas, alegrias, um misto de sensações. No CEI em que tive a oportunidade de ingressar este ano, a equipe já vivia esta realidade artística, o que me ajudou muito, conviver com pessoas que acreditam que suas ideias são possíveis e ainda poder contar com experiências anteriores foi riquíssimo para o meu desenvolvimento, aquisição de novas aprendizagens e a alegria de partilhar as vivências com meu grupo de convivência diária, com educadoras de outros CEI's e formadoras do Projeto.

Um dos grandes desafios e considero isto um ponto a ser repensado para 2015, foi o curto espaço de tempo entre uma sequência e outra, apesar de se complementar (ponto muito positivo), o tempo entre pensar a sequência, ter o retorno da coordenação, repensar conforme o feedback recebido, colocar em prática e escrever o relatório de vivência para o Encontro de Formação foi difícil. Apesar disso, todas as proposições realizadas foram de extrema importância para o desenvolvimento dos pequenos, embarcar com eles em cada proposição sugerida nas formações nos fez vivenciar grandes experiências.

As visitas culturais/artísticas sugeridas pelas formadoras alimentaram nosso trabalho, e mais que isso, nos alimentou como pessoas. Os textos, documentários, imagens, a visão de teoria e prática trazidas por Cínthia me fazia pensar e passar horas pesquisando nas proposições a serem realizadas com as crianças. O jeito artístico de Beatriz por vezes me deixava confusa, pois viver a arte, pensar num portfólio com pessoas que eu havia acabado de conhecer me parecia muito mais complicado, mas, as ideias foram se complementando e o que foi proposto foi se materializando, e mesmo que ainda em andamento ficou lindo.

De modo geral, este foi um ano de realizações, o Projeto foi um divisor de águas para mim, chegar neste final de ano e avaliar tudo o que realizamos faz com que eu crie expectativas positivas para 2015 e me faz querer crescer.”

Aline Pereira Vieira, CEI Núcleo III Jardim Shangri-lá - CCJA

Síntese de um dos encontros de formação

Creche São Norberto

Formadora: Beatriz Bianco

Coordenadora Pedagógica: Bianca R. R. França

Professora: Daiane Inácio Pereira

Síntese do 4º Encontro

Eu estava me sentindo bem ansiosa para que esse dia chegasse, pois me encheu de expectativa o último encontro e minha ansiedade era por não saber o que poderia acontecer e quais novidades teriam.

Percebo que de todos os encontros, esse foi mais tranquilo para mim, as informações foram assimiladas com facilidade e isso me trouxe um sentimento de que estou no caminho certo, que estou interiorizando esse conhecimento de uma maneira significativa.

A Beatriz me fez pensar muito na minha prática pedagógica, desde o momento em que ela lembrou nossos momentos com os foros, quando nos apresentou os parâmetros musicais, onde podemos trabalhar com as crianças a ALTURA e a INTENSIDADE do som, a DURAÇÃO e o TIMBRE, apenas brincando e isso é o mais prazeroso.

Cheguei a fazer o primeiro jogo com minhas crianças, foi bem divertido e interessante porque elas não conseguiam bater as mãos e os pés o mesmo tempo e no ritmo,



mas mesmo assim elas não desistiam e para todos nós foi um momento bem gostoso e alegre.

Outra coisa que me fez refletir, foi como trabalhar com tinta, que experiências eu posso proporcionar para eles, me levando a ter muitas ideias para minhas aulas no ateliê e falando de arte num todo.

O mais importante é ter a conscientização que como educador eu tenho que ter o espírito de um pesquisador e deixar que a criatividade flua, para proporcionar vivências significativas para eles.

O reencontro com o grupo do portfólio também foi muito importante porque conseguimos reorganizar as ideias do que faremos e como faremos o nosso caderno artístico.

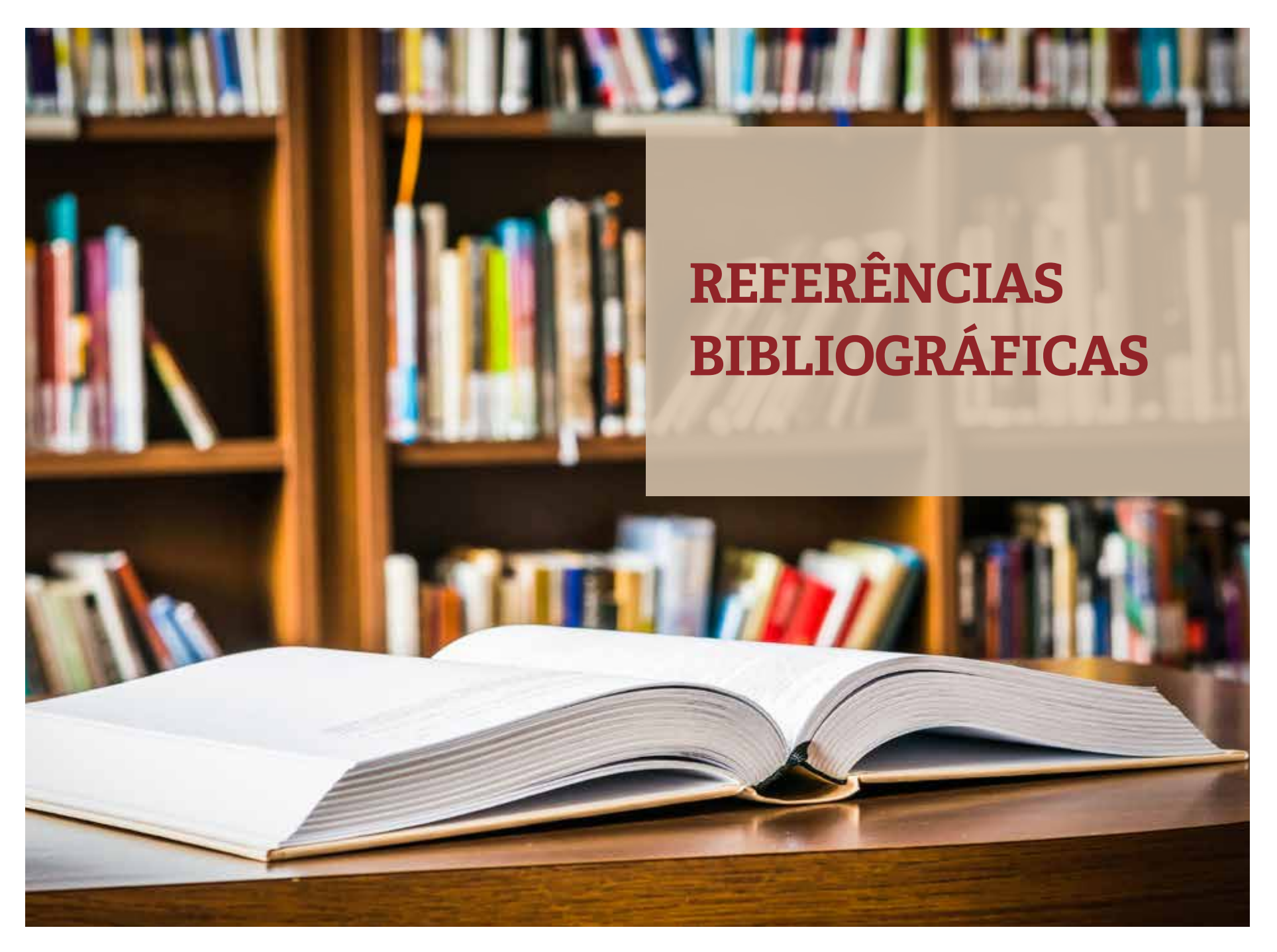
Dessa vez o grupo se uniu mais e chegamos a um consenso e vamos nos preparar para o próximo encontro e dar continuidade a esse processo de criação.

A Beatriz traduziu realmente o que é o processo de criação, ela disse que ele é um parto e de fato é, porque é muito trabalhoso, nos leva a muitos conflitos e tomadas de decisão e escolhas importantes o que se torna prazeroso no final.

Gostei muito do exemplo que ela deu, onde disse que para crescermos temos que nos esforçar e irmos contra a gravidade, por que existe uma força muito grande para nos pôr para baixo.

E isso é a pura verdade, não posso desistir do que acredito, do que faço com tanto amor, só porque existe uma gravidade contra.



The image shows a close-up of an open book with blank white pages, resting on a dark wooden surface. In the background, a wooden bookshelf is filled with numerous books of various colors, creating a blurred effect. A semi-transparent grey rectangular box is overlaid on the right side of the image, containing the text 'REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS' in a bold, dark red, serif font.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DERDYK, E. *Disegno. Desenho. Desígnio*. São Paulo: Editora Senac, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Movimento*. Brasília: MEC, 1998.
- GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- MARQUES, I. A. *Interações: crianças, dança e escola*. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda., 2012.
- AUGUSTO, S. Ver depois de olhar: a formação do olhar dos professores para os desenhos das crianças. *Salto para o futuro: Novas diretrizes para a Educação Infantil*. TV Escola: Boletim 9, junho/2013.
- SME/ DOT. *Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo, 2007.*
- SME/ DOT. *Percursos de aprendizagem: O corpo e o movimento criativo – A rede em rede: a formação continuada na educação infantil*. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: 2007.
- SME/ DOT. *Percursos de aprendizagem: um olhar para o desenho – A Rede em Rede: a formação continuada na Educação Infantil*. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: 2007.
- Edith Derdyk – é artista plástica, ilustradora e educadora. Grande estudiosa do desenho infantil, escreveu diversos livros inclusive o *Disegno. Desenho. Desígnio*, onde relaciona diferentes linguagens com o desenho.
- Hélio Oiticica – precursor da Arte Contemporânea no Brasil e no mundo. Criou um trabalho emblemático chamado *Parangolés*, no qual convidava o público a interagir com pedaços de tecidos, muitas vezes dançando ao som de músicas ou do próprio ambiente em que a obra era atividade.
- Tatiana Blass – artista brasileira que tem um grande trabalho usando linhas.
- Tomie Ohtake – É uma das principais representantes do Abstracionismo Informal. Algumas de suas obras nos remetem à ideia do movimento e do desenho, sugerindo uma dança entre eles.

FICHA TÉCNICA

INSTITUTO MINIDI PEDROSO DE ARTE E EDUCAÇÃO SOCIAL - IMPAES

- **Presidente:** Minidi Pedroso
- **Diretora Geral:** Maria Cristina Pedroso Pittelli

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA - CENPEC

- **Presidente:** Maria Alice Setúbal
- **Superintendente:** Anna Helena Altenfelder
- **Coordenadora Técnica:** Maria Amábile Mansutti
- **Coordenadora do Programa Desafios Impaes:** Fernanda Kivitz

INSTITUTO AVISA LÁ FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES

- **Coordenadora Executiva:** Silva Pereira de Carvalho
- **Coordenadora Adjunta:** Cisele Ortiz
- **Coordenação do Projeto Conexões a poética da criança de 0 a 3 anos e a arte contemporânea:** Denise Nalini
- **Formadoras:** Beatriz Bianco, Cinthia Manzano, Mariana Americano, Ynaia Barros

CENTRO COMUNITÁRIO JARDIM AUTÓDROMO – CCJA

- Presidente:**
- Nair Botoleti

CEI NÚCLEO III JARDIM SHANGRI-LÁ

- **Diretora:** Benedita Machado de Mello
- **Coordenadora:** Katia Girlene Silva Leite Farias

CEI NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

- **Diretor:** José Aparecido de Farias Leite
- **Coordenadora:** Vera Lúcia dos Santos Silva

CEI JARDIM CLIPPER

- **Diretora:** Eliane Coelho dos Santos
- **Coordenadora:** Aparecida Scapolan Vigo

CEI NOSSA SENHORA DE APARECIDA

- **Diretora:** Maria do Patrocínio Alves Bizarria
- **Coordenadora:** Sheila Alves de Oliveira/ Fabiana Aparecida Martins Pinheiro

CEI IRMÃ AGOSTINA

- **Diretora:** Elaine Lucas de Barros
- **Coordenadora:** Esilaine Silveira Silva / Thamires Rainha

CEI NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

- **Diretora:** Bruna Carolina de Oliveira/ Cleonice Ventura
- **Coordenadora:** Sandra Barbosa da Silva

CEI NOSSA SENHORA MÃE DO BOM CONSELHO

- **Diretora:** Arlene Marques da Cunha
- **Coordenadora:** Alessandra Cardoso

CEI VILA NICARAGUA

- **Diretora:** Maria Ferreira dos Santos Silva
- **Coordenadora:** Ana Paula de Almeida Zanardo

FICHA TÉCNICA

CASA DOS CURUMINS

■ **Presidente:** Adriana Eisenhard

CEI PARQUE DOROTÉIA

■ **Diretora:** Maria Cristina Haspene Santaella

■ **Coordenadora:** Eliane Brito

CENTRO SOCIAL PARELHEIROS - CSP

■ **Presidente:** Teresinha de Souza Lima

CEI SÃO NORBERTO

■ **Diretora:** Sandra Aparecida de Freitas Santos/ Izabel Landim Almeida

■ **Coordenadora:** Daiane Inacio Pereira/ Jacqueline Oliveira Belo

CEI NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

■ **Diretora:** Izabel Landim Almeida

■ **Coordenadora:** Jacqueline Oliveira Belo

CEI SAGRADA FAMÍLIA

■ **Diretora:** Janaína Ilda Sousa Marques

■ **Coordenadora:** Lilia Grazielly Vieira de Sousa

CEI PAULINO EVA

■ **Diretora:** Kely Cristina de Oliveira Braga

■ **Coordenador:** Wanderson Mariano/ Amanda Nascimento Reinberg

CEI SANTA TEREZINHA

■ **Diretora:** Daniela Cristina da Cunha

■ **Coordenadora:** Vanessa Cristina Reis Ferreira Bispo de Sá/ Nayara Ferreira da Silva

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL MARIA DE NAZARÉ - ACE

Presidente: Rosemary Gregio de Oliveira

CEI CORA CORALINA (ANTIGO CEI SAGRADA FAMÍLIA)

Diretora: Janaina Ilda Marques Borges

Coordenadora: Lilia Grazielly Vieira de Sousa

CEI VINÍCIUS DE MORAES (ANTIGO CEI NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS)

Diretora: Sandra Aparecida de Freitas Santos

Coordenadora: Daiane Inacio Pereira

PUBLICAÇÃO :

Coordenação:

Denise Nalini

Edição:

Silvia Carvalho

Revisão:

Marcela Mitie Magari

Fotografia:

Mariana Americano e arquivo formadores

Autoria

Cisele Ortiz

Cinthia Manzano

Denise Nalini

Mariana Americano

Diagramação:

Azul Publicidade

DECLARAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N171c

Nalini, Denise, coord.

Conexões: a poética das crianças de 0 a 3 anos e a arte contemporânea / Denise Nalini... [et al.]. – São Paulo (SP): Instituto Avisa Lá – Formação Continuada de Educadores, 2015.

75 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-69384-05-2

1. Crianças - Arte. 2. Crianças - Desenvolvimento. 3. Poesia e crianças. I. Ortiz, Cisele. II. Manzano, Cinthia. III. Americano, Mariana. IV. Título.

CDD-305.231

instituto
avisa lá
Formação Continuada de Educadores

